

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL**

LUIZ AUGUSTO ANDRADE DA COSTA

**CONTRACULTURA E RESISTÊNCIA DEMOCRÁTICA: O MOVIMENTO DOS
ESCRITORES INDEPENDENTES DE PERNAMBUCO – 1980/1988**

RECIFE-PE

2023

LUIZ AUGUSTO ANDRADE DA COSTA

CONTRACULTURA E RESISTÊNCIA DEMOCRÁTICA: O MOVIMENTO DOS
ESCRITORES INDEPENDENTES DE PERNAMBUCO – 1980/1988

Relatório de Trabalho de Conclusão de Mestrado
Profissional em História, da Universidade Católica
de Pernambuco, como requisito parcial de
desempenho para a obtenção do título de Mestre
em História.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria do Rosário da Silva

RECIFE-PE

2023

C837c Costa, Luiz Augusto Andrade da.
Contracultura e resistência democrática : o Movimento dos Escritores Independentes de Pernambuco – 1980/1988 / Luiz Augusto Andrade da Costa, 2023.
66 f. : il.

Orientadora: Maria do Rosário da Silva.
Relatório técnico (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em História. Mestrado Profissional em História, 2023.

1. Pernambuco - História. 2. Movimento dos Escritores Independentes de Pernambuco - História. 3. Contracultura.
I. Título.

CDU 981.34

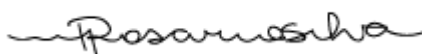
Luciana Vidal - CRB4/1338

LUIZ AUGUSTO ANDRADE DA COSTA

CONTRACULTURA E RESISTÊNCIA DEMOCRÁTICA: O MOVIMENTO DOS
ESCRITORES INDEPENDENTES DE PERNAMBUCO – 1980/1988

Data da Aprovação: 10/10/2023

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Maria do Rosário da Silva
Orientadora e Presidente da Banca (UNICAP)



Prof. Dr. Giovanni Gomes Cabral
Titular Externo (UNIFESSPA)



Prof. Dr. Helder Remigio de Amorim
Titular Interno (UNICAP)

Recife, 10 de outubro de 2023

À Celia Andrade
À Marta Gomes
A Vinicius Andrade
A Paulo Albino (in memoriam)

AGRADECIMENTOS

Aos poetas, Jorge Lopes, Hector Pellizzi, Eduardo Martins, Valmir Jordão, Wilson Freire e à poeta Fátima Ferreira, pelo acolhimento, pela partilha de conhecimento e pela incrível história.

À minha mãe Célia Viana que sempre acreditou em mim, mais do que eu mesmo e que me ajudou a chegar aqui, me emprestando a sua doçura, paciência, compaixão, alegria e respeito.

Ao meu filho, Vinícius de Andrade. Um forte incentivador e um exemplo de coragem, perseverança e vida. Muita vida.

Ao meu irmão, Luiz Carlos Pinto, e às minhas irmãs Ana Celia Andrade e Celianne Andrade, à minha sobrinha Luna Andrade e à Maíra Acioli (cunhada). Foi fundamental, o companheirismo, o apoio e o incentivo que vocês me proporcionaram.

À minha esposa Marta Milene, que me pôs de pé várias vezes e, com sua alegria, inteligência, proteção e respeito nunca largou minha mão.

À minha amiga Luzenira Ferreira (Nira). Uma grande amiga, uma “companheirinha” a quem já devia muito e agora devo eternamente.

Aos amigos e amigas da Unicap, em especial a Dalton Lima e sua esposa Milena Aguiar, Karla Nóbrega, Jerlucy Melo, Alexcina Cirne, Charly Alberto, Iandra Torres, Nadirte Antunes, Cintia Angélica, Adeilton Pereira, Andrea Pimentel, Marina Isabela e Ivany Oliveira. As brincadeiras e puxões de orelha de vocês foram fundamentais.

À Dona Sevi, Marina, Viviane e Felipe. Sempre me senti apoiado e incentivado por vocês.

Aos amigos e amigas da 5ª turma do Mestrado Profissional da UNICAP, pela convivência apesar da distância. Abraço fraterno em todos e todas.

Aos Professores, professoras, funcionários e funcionárias do PPGH, em especial a Profa. Maria do Rosário (orientadora) e ao Prof. Helder Remígio, por acolherem e mostrarem o caminho. Meu respeito e gratidão sempre.

RESUMO

A presente pesquisa se propõe a analisar a história do Movimento de Escritores Independentes de Pernambuco (1980-1988), um grupo de homens e mulheres que, com poemas e versos, romperam com os limites impostos pelo mercado editorial, pela censura e pelos cânones estéticos da escrita poética. A expressiva produção do Movimento, em seu formato artesanal de jornais, fanzines, livros e livretos; as entrevistas e os depoimentos de membros, críticos e jornalistas contemporâneos, bem como as matérias veiculadas nos dois principais jornais do Estado em circulação na época (o Jornal do Commercio e o Diário de Pernambuco), serviram como nossas bases documentais. Tomando o grupo como uma marcante manifestação de contracultura no Estado, situamos suas produções artísticas como uma das mais importantes expressões literárias de Pernambuco, influenciando gerações posteriores de poetas com sua estética e comportamento deliberadamente marginais.

Palavras-chave: Contracultura, Literatura Marginal, Escritores Independentes.

ABSTRACT

This research proposes to analyze the history of the Pernambuco Independent Writers Movement (1980-1988), a group of men and women who, with poems and verses, broke with the limits imposed by the publishing market, censorship and aesthetic canons. of poetic writing. The expressive production of the Movement, in its handmade format of newspapers, fanzines, books and booklets; the interviews and testimonies of members, critics and contemporary journalists, as well as the articles published in the two main state newspapers in circulation at the time (Jornal do Commercio and Diário de Pernambuco) were our documentary bases. Taking the group as a striking manifestation of counterculture in the state, we place their artistic productions as one of the most important literary expressions in Pernambuco, influencing later generations of poets with their deliberately marginal aesthetics and behavior.

Keywords: Counterculture, Marginal Literature, Independent Writers.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA	15
2.1 Movimento de Escritores Independentes de Pernambuco (MEI-PE).....	17
2.2 I Encontro Pernambucano de Escritores Independentes.....	24
2.3 Literatura Marginal	29
2.4 A dispersão do MEI-PE.....	34
2.5 Contracultura e visão historiográfica	38
3 DISCUSSÃO SOBRE O FORMATO.....	50
4 APRESENTAÇÃO DO PRODUTO	51
5 APLICAÇÃO DO PRODUTO.....	52
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	54
APÊNDICE – DOCUMENTOS, MATÉRIAS E NOTAS DIGITALIZADAS	57

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho surge do desejo pessoal de conhecer e de me aprofundar na temática da contracultura e da literatura marginal. Reconhecer a importância das manifestações culturais e das expressões artísticas que surgem a partir da década de 1950 e se estendem entre os anos 60 e 70 é acreditar numa música, numa literatura e numa poesia recheadas de contestação, rebeldia e beleza, que influenciarão gerações de artistas subsequentes. O tema escolhido ganha mais importância quando reconhecemos a sua atualidade, e quando identificamos que, ainda hoje, existe uma luta diária das culturas periféricas marginalizadas contra forças hegemônicas que segregam e estigmatizam o que não se encaixa no seu conceito de arte e cultura.

A redemocratização no Brasil iniciada em meados de 1979, ainda no governo civil-militar de João Batista Figueiredo (1918-1999), representou um período de tensões e incertezas, marcado por um intrincado e lento processo de reabertura política onde forças democráticas lutavam por mais liberdade contra um reacionarismo ainda atuante e resistente às mudanças. O jogo político que acontecia a nível nacional refletia nos Estados, com avanços e recuos, conquistas e retrocesso que criavam tensões e incertezas em quem esperava por melhorias de vida e mais liberdade política.

Neste período ao qual nos atemos, a presença coercitiva dos aparelhos de repressão era menor do que nas duas décadas anteriores, e algumas mudanças eram vislumbradas no horizonte neste início de década de 1980, mesmo que não se respirasse a democracia em sua plenitude. Basta lembrar que, um pouco antes, em 1978, Ernesto Geisel (1907-1996), o quarto presidente da ditadura civil-militar, revogava o AI-5, e, em dezembro de 1979, Figueiredo decretava o fim do sistema de bipartidarismo, através de uma Emenda Constitucional de número 6 767, e aprovava a Lei da Anistia. Aliás, mesmo diante das limitações e das críticas recebidas, a aprovação dessa última medida foi uma importante conquista para as forças democráticas, ao permitir, também, que muitas pessoas pudessem exercer sua militância política ao retornarem para o Brasil.

Esta reforma eleitoral em forma de Emenda Constitucional, ao mesmo tempo em que permitia o surgimento de novos partidos, proibia as agremiações comunistas de se organizarem e criava uma série de dificuldades para as outras iniciativas do campo da oposição. Neste momento, não era fácil para outros grupos políticos se estruturarem fora do guarda-chuva do antigo MDB (Movimento Democrático Brasileiro) e o jogo político guardava mais uma surpresa para as forças democráticas. Em 9 de setembro de 1980, o

governo de Figueiredo aprova uma outra Emenda Constitucional, às vésperas das eleições municipais, que determinava a prorrogação dos mandatos dos prefeitos e vereadores, até janeiro de 1983, sendo alvo de inúmeros protestos. Essa iniciativa ficou conhecida como Emenda Anísio de Souza, em alusão ao político que a elaborou, restando aos eleitores, o voto para a câmara federal e estadual, senador e governador para o pleito de 1982 (Soares, 2012).

Entretanto, se por um lado existiam as dificuldades inerentes a um processo de redemocratização, os avanços aconteciam e se sucediam em forma de greves, manifestações e na retomada de organizações de classe. Naturalmente, estes avanços não foram feitos sem a luta de trabalhadores e estudantes. Neste período veremos, por exemplo, a fundação do Partido dos Trabalhadores (PT), da Central Única dos Trabalhadores (CUT), fundada em 1983 e a realização, em 1979, do XXXI Congresso da UNE (União Nacional de Estudantes) em Salvador (BA), que havia sido posta na ilegalidade desde 1964.

As nuances da reabertura política e seus tensionamentos inerentes se estendem sobre o Estado de Pernambuco e à capital recifense. No momento em que o MEI-PE (Movimento de Escritores Independentes de Pernambuco) estava surgindo, Marcos Maciel (1940-2021) ocupava o posto de governador biônico (1979-1982), alçado a esta condição pelas mãos do próprio presidente da República, Ernesto Geisel. Na cadeira de prefeito do Recife, estava Gustavo Krause (1946), nomeado pelo então governador do Estado e ficando no cargo até 1982. Tanto um como o outro faziam parte, à época, do partido ARENA (Aliança Renovadora Nacional), base de sustentação do governo militar, e transformado em PDS (Partido Democrático Social) logo depois.

É aqui que o MEI-PE surge para compor um cenário em que forças democráticas voltavam pouco a pouco a exercer o seu papel político, exigindo democracia, qualidade de vida e efetiva participação nas decisões da Nação. O movimento estudantil lutava pela reconstrução de suas entidades representativas. Aqui em Pernambuco, em 1980, a defesa pelo retorno da legalidade da UNE acontece em paralelo a da UEP (União de Estudantes de Pernambuco). Esta última, fundada em 1944 e posta na clandestinidade com o Golpe de 1964, representava os estudantes universitários do Estado e tinha seu retorno construído pelas mãos das principais organizações estudantis, os Diretórios Acadêmicos e Diretórios Centrais, das mais importantes universidades de Pernambuco. Não é desnecessário lembrar, aliás, que forças de esquerda, grupos oriundos da clandestinidade, juntamente com grupos progressistas da igreja católica e movimentos sociais organizam o PT de Pernambuco, que teve como seu primeiro presidente Bruno Maranhão.

A Lei da Anistia ajuda a trazer de volta para o Estado personalidades políticas importantes, como Miguel Arraes de Alencar, Gregório Bezerra e Francisco Julião, e um novo e acirrado cenário de disputas políticas configurou-se em Pernambuco. Esses embates foram mais intensos durante as eleições de 1982. Neste pleito, tomaremos conhecimento, por exemplo, da importante e curiosa participação dos artistas pernambucanos nas chamadas Brigadas Muralistas.

Em sua tese de Mestrado, Tiago Nunes Soares nos traz mais informações sobre essa iniciativa que visava driblar as regras da propaganda eleitoral e engajar artistas plásticos das cidades de Olinda e Recife, principalmente, ao lado das posições políticas em combate:

Dessa forma, as Brigadas tiveram um papel importante nas disputadas eleições de 1982, configurando-se em mais um espaço de luta democrática e politização do campo artístico, possibilitando também outras possibilidades de expressão artística e de combate às pichações, conforme foi possível verificar nos discursos dos jornais locais estudados. (Machado, 2012, p. 29).

Eles tornavam-se instrumento de propaganda política e se expressavam nos muros das residências, sob os olhares de quem passava, e longe dos rigorosos procedimentos dos ateliês. A Brigada Portinari e a Brigada Lula Cardoso Ayres foram das mais ativas. A primeira apoiava o PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro) e a segunda o PDS na disputa eleitoral de 1982. Os artistas que voluntariamente se envolviam nestas iniciativas criavam, agora, nos espaços das artes plásticas, um campo de disputa ideológica, onde política e arte andavam de mãos dadas.

Nesse ambiente de mudanças, novos elementos surgem, antigos personagens retornam e novas práticas são criadas. Mas, se falávamos de esperanças e reconquistas, não podemos deixar de lado o perigo que ainda existia para quem se colocava ao lado das forças democráticas e dos movimentos em favor da reabertura política e das lutas sociais.

Os congressos estudantis, as reuniões sindicais e as manifestações culturais aconteciam sob o olhar vigilante das forças policiais que, não raro, os reprimia. Além disso, tínhamos, de fato, a existência de setores militares e civis contrários a qualquer concessão democrática, dispostos a realizar atos terroristas com o objetivo de disseminar a instabilidade institucional, tumultuar o quadro político e perpetuar o regime de exceção. Assim, no Rio de Janeiro em 1980 uma carta-bomba mata a secretária da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) ao explodir em suas mãos e no Riocentro, em 1981, um atentado frustrado na comemoração do Dia do Trabalho pôs em risco dezenas de vidas.

Aqui e em outras capitais, várias bancas de revista eram incendiadas por venderem periódicos de esquerda. A própria *Livro 7*¹, a emblemática livraria de Tarcísio Pereira, sofrera com ameaças anônimas por telefone ou cartas apócrifas (Fonseca, 2022). As Brigadas, citadas acima, efetuavam suas ações, em muitos dos casos, sob a desconfiança das forças policiais que, vez ou outra, inquiriam os artistas sobre a realização daquela atividade que consistia apenas em colorir um muro em apoio a um ou outro candidato. O próprio congresso estudantil na Fafire (Faculdade de Filosofia do Recife), que visava a reconstrução da UEP, aconteceu com a presença do aparato de vigilância oficial, com os agentes ora fardados, ora à paisana infiltrados entre os presentes.

A campanha das “Diretas já” acontece como consequência do desgaste do regime militar, e do desejo cada vez maior de liberdade e participação política da maioria da população que se juntava a setores importantes da imprensa, da classe artística e dos esportes. A Emenda das Diretas foi rejeitada no Congresso Nacional, mas culminou na volta do poder civil em 1985, com a eleição de Tancredo Neves pelo colégio eleitoral, com a aprovação da Nova Constituição Federal em 1988 e com a eleição direta para Presidente da República de José Sarney, em 1989.

O Movimento dos Escritores Independentes de Pernambuco surgiu na década de 1980, na cidade do Recife e foi criado na época por escritores jovens, cujo propósito consistia em divulgar e difundir a literatura como forma de resistência diante de um regime militar ainda em vigência. Assim, o MEI-PE tinha como objetivo, além de lutar através dos versos por mais liberdade, levar às pessoas uma poesia engajada, livre e despojada.

Os Independentes levavam a arte, que era tida apenas como um meio de se conseguir lucro e algo distante do povo, para os locais da cidade com maior circulação de pessoas. Nas praças, nas calçadas do centro do Recife, nas portas dos teatros e cinemas, mercados públicos e bares, via-se a presença destes poetas declamando e vendendo suas produções a preços acessíveis. Fugiam, assim, dos padrões estabelecidos pelo capitalismo e da ideia de uma arte exclusivista e elitista. Isso permeava o conceito de independência defendido pelo Movimento. Para eles, essa autonomia consistia em estar livre dos valores opressivos da sociedade, da interferência governamental, dos órgãos estatais e empresas editoriais, do meio intelectual e político, e, por fim, liberdade para seus posicionamentos filosóficos, teóricos, políticos e estéticos.

¹ A icônica livraria fundada em 1970 por Tarcísio Pereira, situava-se na rua Sete de Setembro no Centro da Capital pernambucana e tonou-se um importante ponto de encontro para estudantes, artistas e intelectuais, bem como um marco para as gerações literárias de Pernambuco, até o seu fechamento em 1998.

A ideia de disseminar a poesia, distribuir seus livros e protestar contra uma cultura editorial pautada nos lucros foi ganhando força, nos poetas do MEI-PE, entre eles Francisco Espinhara, Cida Pedrosa, Wilson Freire, Eduardo Martins, Valmir Jordão, Fátima Ferreira e outros, que acreditavam no Movimento e criaram uma nova maneira de encarar a edição, publicação e divulgação de sua literatura no Nordeste. Esse movimento dito "marginal" absorveu o grito silenciado pela ditadura civil-militar por meio da união de diversos artistas, jornalista, professores e estudantes permitindo assim, uma nova forma de divulgação da arte e da cultura literária.

Seguindo uma característica comum em alguns dos vários grupos de contracultura espalhados pelo mundo a fora, o MEI-PE tem na substituição dos meios tradicionais de circulação de obras para os meios alternativos de divulgação uma de suas principais características. No Rio de Janeiro, por exemplo, em meados da década de 1970, os grupos de literatura marginal já buscavam essas novas formas de produção e comercialização, fora do mercado tradicional.

Começam, então, a proliferar os “livrinhos” que vão passando de mão em mão, vendidos em portas de cinemas, museus e teatros e que mais do que os valores poéticos em voga, eles trazem a novidade de uma subversão dos padrões tradicionais de produção, edição e distribuição da literatura [...] Participando diretamente do modo de produção de suas obras, esses autores acabam enfatizando o caráter artesanal da produção e subvertem as relações estabelecidas para a produção cultural. Em outras palavras, numa situação em que todas as opções estão estritamente ligadas às relações de produção definidas pelo sistema, as manifestações marginais aparecem com uma alternativa. (Silva, 2006, p. 33).

Foi também assim, que os artistas do MEI-PE sentiram a necessidade de se expressarem e, sobretudo, divulgarem suas ideias. A partir desse movimento literário, a produção poética “fora do sistema” foi divulgada pelos próprios poetas a partir de pequenas tiragens. Elas eram produzidas nos folhetos mimeografados, vendidos a baixo custo, nos bares, praças, teatros, cinemas, universidades, etc.

Precisamos lembrar que, antes da fotocopiadora se popularizar, o sistema de cópia mais comum nas escolas era o mimeógrafo, cujo processo de impressão funcionava da seguinte maneira: o texto era escrito sobre uma folha chamada estêncil, que continha carbono, e aparecia na outra face do papel. A folha então era colocada sobre um rolo com a parte escrita para cima, e uma manivela era girada para exercer pressão e liberar a tinta que ia na folha em branco.

A Geração *Beat*², por exemplo, composta por nomes como Allen Ginsberg (autor de “Uivo e Outros Poemas”), Jack Kerouac (autor de “On the Road”) e William Burroughs, só encontrou terreno para espalhar suas ideias graças à transformação trazida pelo mimeógrafo. Naturalmente, em uma sociedade ordeira e metódica, o conteúdo caótico e visceral dos escritores *beat* não tinha espaço em publicações tradicionais e grandes editoras.

O mimeógrafo, portanto, foi uma verdadeira salvação para inúmeros escritores cujo trabalho desviava do conteúdo do *mainstream*. Essa expressão, aliás, quando faz referência ao mundo musical e literário, traz consigo a ideia de conteúdos culturais amplamente divulgados para o consumo, por parte dos meios de comunicação, dando-lhe um caráter essencialmente comercial. No Brasil, como foi dito acima, tivemos a “Geração mimeógrafo”³ no Rio de Janeiro, um fenômeno que surgiu no início da década de 1970, principalmente, em função da censura imposta pela ditadura civil-militar que levou intelectuais, professores universitários, poetas e artistas em geral a buscarem meios alternativos para a difusão cultural (Kaminski, 2019; Silva, 2006).

No texto que agora apresentamos, reproduzimos alguns poemas que nos ajudam a entender uma das características mais notáveis do Movimento: a sua diversidade de temas e formas poéticas. A cidade, a liberdade e a falta dela, a pobreza, o amor ou o desamor, o ser humano, o presente e o futuro, compõem algumas das questões exploradas por nossos artistas em suas poesias. Então, não por acaso, deste painel diverso e multifacetado, escolhemos uma pequena fração que serve de amostra para o entendimento do universo que se apresentava aos olhos e ouvidos dos independentes.

Para isso, foi analisado um conjunto de documentos sobre as produções artísticas feitas pelo grupo em questão, levando em consideração aspectos de contracultura defendida pelo grupo (publicações artesanais de fanzines e folhetos de poesia), a crítica e o meio literário do período de redemocratização do país, a fim de entender, também, as práticas de enfrentamento, as formas de resistência e de combate encontradas pelos escritores e escritoras contra uma estrutura de poder que tolhia, excluía e estigmatizava.

² Expressão comumente usada para definir o movimento artístico e literário vanguardista que surge na década de 1950 nos Estados Unidos e tem os nomes de Allen Ginsberg, Jack Kerouac e William Burroughs como seus expoentes.

³ A expressão estava ligada ao fato de que muitos poetas recorriam ao mimeógrafo para copiar seus livros em um processo artesanal e sem qualquer tipo de vínculo com editoras, que não se interessavam pela Literatura que subvertia os padrões convencionados para a arte. As poucas cópias eram vendidas para um público restrito, pessoas que frequentavam eventos como shows, exposições e bares ligados à contracultura.

Na primeira parte do próximo capítulo, traremos uma rápida apresentação do que foi o Movimento dos Escritores Independentes de Pernambuco, com a opinião de alguns participantes entrevistados sobre o perfil do grupo, bem como suas motivações. Na segunda parte, ainda deste capítulo, tratamos do Encontro realizado em Olinda, sua organização e a repercussão do evento. Logo em seguida trazemos as deliberações e propostas produzidas no referido Encontro, além de uma breve discussão sobre a literatura marginal incorporada pelos poetas. Na quarta parte da discussão, tratamos da dispersão do grupo e suas possíveis causas. No quinto e último subitem, trazemos um breve diálogo historiográfico para entendermos o Movimento como uma expressão da contracultura e resistência. Para isso, valemo-nos das leituras de Michel de Certeau (*A Invenção do Cotidiano*, 1996. *A Escrita da História*, 1982), Peter Burke (*O que é História Cultural?*, 1995) e Roger Chartier (*A Sociedade de Corte...*, 2002)

Nas nossas observações, surge o interesse de entender as práticas de enfrentamento, as formas de resistência e de combate encontradas pelos escritores e escritoras contra uma estrutura de poder que tolhia e estigmatizava. Aqui, Michel de Certeau nos dirá que nesse espaço, por meio de táticas, o MEI-PE burlou e escapou, até onde pôde, das regras de disciplinamento. Além disso, poderíamos pensar em um caráter ético das práticas cotidianas do grupo como uma vontade de afirmar a liberdade diante da ordem imposta. Com Certeau, observamos o exercício pelos membros do Movimento dos Escritores, de estratégias cotidianas num nível micropolítico. Esse seria o estágio em que os indivíduos do grupo adotariam práticas de resistências, práticas de sobrevivência em meio a um difícil cenário político, econômico e cultural.

Ao falarmos do ato de tomar em suas mãos o protagonismo da sua produção artística, essencial no grupo, lembramo-nos do historiador inglês Peter Burke, que além de nos mostrar a importância da História Cultural, nos faz ver a interessante relação entre cultura popular e cultura erudita. Para ele, não se deve estabelecer uma rigidez conceitual, já que nem uma definição consensual destes dois termos existe. Fala-nos o estudioso, também, da produção cultural de grupos sociais diversos formados por homens e mulheres comuns que com suas práticas narrativas, crenças e normas de conduta nos dão pistas da realidade política, social e econômica onde essa cultura é produzida.

Nesse mesmo raciocínio sobre História Cultural, deparamo-nos com o historiador francês Roger Chartier e suas contribuições acerca das práticas e representações dos indivíduos na sociedade. Entendendo-se a primeira como a possibilidade de construção de identidade do sujeito, e a outra como um exercício de produção e recepção de cultura. Abre-

nos, assim, a possibilidade de entendermos as relações de poder vividas pelo Movimento dos Escritores Independentes de Pernambuco nesta época aqui já contextualizada.

Antes das Considerações Finais, discorreremos sobre o Produto Final dessa pesquisa, o website *Contracultura!*, que foi criado para divulgação de conteúdos relacionados ao tema da pesquisa, como a história do Movimento, poemas, biografia de participantes, entrevistas realizadas com alguns Independentes e multimídias.

2 DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Este relatório baseia-se nos dados coletados em pesquisa bibliográfica, em matérias publicadas em jornais da época e entrevistas realizadas com alguns dos ex-participantes do Movimento de Escritores Independentes de Pernambuco. Esses dados ajudaram a caracterizar o MEI-PE como movimento de contracultura no período de redemocratização do Brasil.

Todas as entrevistas foram realizadas de forma remota, através do aplicativo *Google Meet*, entre os meses de fevereiro e março de 2023. A opção por este serviço baseou-se na sua facilidade de manuseio, na sua capacidade de gravação por tempo ilimitado e em sua baixa incidência de falhas na conexão via *internet*.

O contato com os entrevistados foi feito previamente através do *Instagram* e *WhatsApp*, através do qual pudemos marcar nossos encontros virtuais, nos horários mais convenientes para eles. A utilização dos artifícios tecnológicos nos ajudou a suplantar as distâncias físicas que, de outro modo, seria impossível transpor. Destacamos neste sentido que o poeta e professor de literatura Eduardo Martins e o poeta e jornalista Hector Pellizzi, dois de nossos entrevistados que residem atualmente no Estado de Roraima e na cidade argentina de Buenos Aires, respectivamente.

Vale lembrar que aos convidados foram explicadas as motivações da pesquisa e solicitada a permissão para a gravação, que foi prontamente aceita por todos. Observamos, aliás, a grande familiaridade dos entrevistados com o aplicativo e com esse formato de encontro. Por causa da distância, corríamos o risco de uma desumanização da entrevista, com a impessoalidade e a frieza, superado, entretanto, por experiências de partilha e da generosidade. O nosso medo foi sumindo ao longo da realização das entrevistas que duravam em média 1 hora com perguntas preestabelecidas e os acréscimos de questionamentos, de acordo com a necessidade que surgisse.

A possibilidade de lembrar aquele passado do qual os convidados fizeram parte despertou neles um misto de saudosismo e orgulho, unindo suas memórias, suas narrativas e

suas subjetividades sobre uma época e suas experiências. Os poetas com quem tivemos a oportunidade de conversar contaram não apenas o que fizeram, mas o que queriam fazer, o que acreditavam estar fazendo e o que agora pensam que fizeram.

A proposta de utilização da História Oral sempre esteve em nosso projeto de pesquisa. Estávamos conscientes que um momento de perguntas e respostas com os antigos participantes do Movimento seria crucial para a fundamentação e conclusão de nossos estudos. Tínhamos, preferencialmente, o desejo de realização desta etapa da pesquisa com os encontros sendo feitos presencialmente, mas diante da impossibilidade deste formato, as entrevistas on-line tornaram-se um desafio a ser suplantado e o único caminho a ser percorrido. E mesmo diante de uma tela que nos priva do contato olho no olho e na presença dos temores que um novo fazer historiográfico nos gera, identificamos entre os nossos entrevistados a satisfação de um reencontro, de uma autorreflexão e um desejo de compartilhar com o mundo aquilo que até aquele momento fica restrito às suas recordações.

Gostaríamos de ter realizado outras tantas entrevistas com pessoas que enriqueceriam mais ainda o debate, mas o desencontro de horários nos impedia. Ao todo, foram realizados cinco encontros com pessoas que, ao nosso entender, representam perfeitamente o Movimento e o que pretendemos ilustrar nas páginas que seguem. Os já mencionados Eduardo Martins e Hector Pellizzi, a advogada Fátima Ferreira, o médico, cineasta e compositor Wilson Freire e Valmir Jordão foram os poetas que se dispuseram desde o nosso primeiro contato a nos ajudar nesta fase da pesquisa.

Desse modo, o maior desejo do presente relatório é retratar este que foi, no estado de Pernambuco, um movimento literário singular e um exemplo mais do que incontestável de uma opção artística que escolhe um caminho alternativo de escrita e expressão. Esses homens e mulheres não inventaram a poesia *underground*, o autofinanciamento, nem o linguajar debochado, ferino e irreverente, mas deram força a uma forma poética e literária que prezava pelo poder da oralidade, pela liberdade criativa e pela postura essencialmente anticanônica.

Aqui, não custa frisar que este último termo em inglês, é a antítese do já mencionado *mainstream*. Ao contrário deste, no *underground*, tanto a produção quanto a circulação das produções artísticas são limitadas e fogem do amplo consumo. A menor amplitude e o menor alcance da arte neste formato são compensados com uma maior proximidade com o público que visa ser atingido.

O espaço de tempo analisado neste relatório (1980-1988) diz respeito ao período de maior atuação do MEI-PE. Mesmo sabendo que o I Encontro de Escritores Independentes de Pernambuco só veio a ocorrer em agosto de 1981, vê-se que no ano anterior, no I Encontro

Nacional de Escritores Novos, em Salvador (BA), é lançada a semente para o nascimento do Movimento. A partir de então, articulações serão feitas, contatos serão estabelecidos e a ideia de conceber um grande encontro, visando a organização dos poetas independentes vai ganhando corpo e concretude.

O nosso recorte histórico se encerra, portanto, no ano de 1988, por entendermos que aqui já não teremos mais a presença dos Independentes como grupo, como o Movimento que organizava saraus, exposições e intervenções artísticas. Acreditamos, aliás, que após as eleições da UBE-PE (União Brasileira de Escritores-Pernambuco) em 1987, que iremos tratar mais adiante, tem início a dispersão do núcleo mais atuante e orgânico do Movimento.

2.1 Movimento de Escritores Independentes de Pernambuco (MEI-PE)

Em seu livro, lançado no ano de 2000 e editado pela Editora Universitária da UFPE, intitulado *Movimento de Escritores Independentes 1980/1988*, Francisco Espinhara (1960-2007) nos traz um relato importante do surgimento, da dinâmica e dos componentes do grupo de poetas, escritores e escritoras que tinham “[...] como gládio o verso, qualquer que fosse o verso” (Espinhara, 2000, p.13). O escritor Francisco de Assis Silva⁴ nasceu no município de Arcoverde-PE e foi um dos mais combativos e atuantes idealizadores do Movimento. Adotou a alcunha de Espinhara ainda no início da década de 1980, pouco antes de se formar em Letras pela FAFIRE em 1984. Lecionou como professor em escolas da rede pública e privada, vindo a falecer no dia 13 de fevereiro de 2007, com inúmeras publicações livros, livretos e fanzines, como o *Vida Transparente* (1981), *A Batalha pelo poema* (1983), *Teje Preso seu Rapaz* (1989) e *Sangue Ruim* (2005).

O pessimismo e o erotismo são a marca de seus poemas e sobre isso o também poeta, escritor e cofundador do grupo Eduardo Martins fala o seguinte:

Francisco Espinhara extrai sua poética de fragmentos do real, subjetivos e concretos, que encontram no espaço do erotismo sua consolidação em uma

⁴ Francisco Espinhara nasceu em Arcoverde em 1960 e faleceu em Recife em 13 de fevereiro de 2007. Aos seis anos de idade, Chico Espinhara saiu de sua cidade natal para morar no Recife. Foi um dos coordenadores do Movimento de Escritores Independentes de Pernambuco na década de 1980, e participou da vida literária local ativamente. Foi editor do jornal alternativo de poesia Lítero-Pessimista. Produziu o CD *Vários Poemas Vários - 25 poetas contemporâneos* (1999). Publicou: *Vida Transparente* (1981). *Movimento de Escritores Independentes de Pernambuco 1980-1988 - histórico e coletânea* (2000); *Sangue Ruim* (2005); *Bacantes* (livro digital); *Claros Desígnios*, em parceria com o poeta Erickson Luna (2006). Publicou os livretos: *A batalha pelo poema*, *Teje preso*, *seu rapaz* e *Dose dupla*. Participou das antologias *Poesia do Recife* (1996) e *Marginal Recife I* (2002), da Fundação de Cultura Cidade do Recife.

proximidade com sua intimidade, seus recortes de prazer e sofrimento. A lírica, nesse caso, constitui-se a partir de um sujeito solitário que compartilha com todos aqueles que conseguem sentir sua dor e aflição, tragada pelo tom sarcástico e pessimista de vários de seus poemas. (Sanchez; Martins, 2015, p. 54).

O poema *Fantoches*, de Espinhara, transcrito abaixo, ajuda-nos a entender o que o professor Eduardo Martins fala sobre o poeta arcoverdense:

FANTOCHES

Os fantoches da Rua Sete
Seguem cegos na procissão.

A puta diurna da Palma
Traz uma venérea na alma
E uma cova diária na mão.

Da Ponte Velha a secular ferrugem
Reticente ao trajeto branco da nuvem
Come o estrado, o arco, o vergão.
Os poetas esquecidos no beco
Transam sangue a trago seco
Dormem como trapos sobre chão.

Recife, musa, maldição
Cadela suja, traiçoeira seta certa
Encantada cidade do cão.
(Espinhara, 2000, p. 181).

A poesia desinibida e as expressões coloquiais de Espinhara refletem o cotidiano e a realidade da grande maioria destes poetas marginais que, mesmo sem perder o lirismo, vão incorporar em sua arte a rebeldia e a insatisfação de uma geração bem como o desejo de lutar numa arena em que seus versos são suas armas. No livro citado acima, escrito por Espinhara em formato de diário, veremos o nascimento de um dos mais notáveis movimentos de escritores e escritoras que com seu núcleo mais atuante e combativo, criticam a ordem vigente, repensam uma estética literária e discutem o papel da poesia e o poder da oralidade nesta arte.

Em suas primeiras páginas, o poeta esclarece o que para ele é a validade de um livro como esse. Escreve ele:

[...] mas a história-história, com raríssimas exceções, nunca foi contada e transcrita a contento, foi sempre a opereta dos poderosos, vencedores,

manipuladores, exterminadores, daqueles que fizeram ‘bom uso’ dos seus dicionários e dos seus compêndios de ‘ciência’. As histórias circundantes foram sufocadas ou negligenciadas a grupos chamados de minorias étnicas e éticas. (Espinhara, 2000, p.11).

Assim, ocorre em 1980, na cidade de Salvador (BA), em paralelo ao Encontro Nacional de Estudantes de Letras, a 1ª. Reunião de Escritores Novos. Esse evento serviria para organizar a pauta da 2ª. Reunião dos Novos a ser realizado no ano seguinte, 1981, em Vitória (ES). E foi aqui que se discutiu qual nomenclatura a ser usada, qual termo mais apropriado para designar a iniciativa: Novos? Alternativos? Periféricos? Subterrâneos?

O importante era ocupar um vácuo súbito, estabelecido, principalmente, em 1964, com o golpe. A semente fora plantada naquele abril de 1981. Todos, de todas as regiões, estavam unidos pela força e mistério da palavra. Hora de voltar às províncias de costume: malas prontas, endereços saltando à vista como a vida salta para a morte e, seriamente, tínhamos já, também, um rótulo “Movimento dos Escritores Independentes” (MEI), no qual depositamos nossos credos. (Espinhara, 2000, p. 14).

Neste encontro em Vitória (ES), além de saírem com o “rótulo” de Independentes, saíram também com a missão de organizarem os Encontros Estaduais. Chico Espinhara e Eduardo Martins⁵ assumiram essa tarefa e encontraram no poeta e jornalista Alberto da Cunha Melo um suporte fundamental. Este último, nascido em 1942, em Jaboaão dos Guararapes, e falecido em 2007 era um expoente da Geração 65 e foi, desde o início, um incentivador do Movimento. No papel de um dos editores do grupo alternativo Edições Piratas, publicou entre os anos de 1979 e 1984 inúmeros títulos de autores novos e consagrados, e constituía-se numa referência artística para o grupo que começava a nascer. Diz Eduardo Martins, em entrevista⁶:

Ao mesmo tempo que a gente chegou lá do evento de Vitória do Espírito Santo, a gente já chamou esse Encontro na Fundação Casa das Crianças de Olinda. Alberto da Cunha Melo apoiou muito, não é? Logo que começamos. Conversamos com ele várias vezes.

⁵ José Eduardo Martins de Barros Melo nasceu em Recife em 1962. Poeta, ensaísta e Mestre em Teoria da Literatura pela UNESP - Universidade Estadual de São Paulo. Foi um dos coordenadores do Movimento de Escritores Independentes de Pernambuco (MEIPE), fazendo parte junto com Francisco Espinhara, Fátima Ferreira, Héctor Pellizzi e Cida Pedrosa do grupo inicial que o articulou e são reconhecidos como aglutinadores do Movimento. Na década de 80, participou ativamente da vida literária pernambucana, sendo um dos disseminadores dos recitais de rua e da discussão por políticas de editoração, divulgação e venda de livros. Em 1987, Eduardo passou a residir no estado de Rondônia, onde hoje é professor de literatura da UFRO – Universidade Federal de Rondônia.

⁶ Entrevista realizada com Eduardo Martins, via Google Meet, em 22 de março de 2023.

Foi o agora professor do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Rondônia, Eduardo Martins, que, junto com Espinhara, desembarcou em Recife, vindos do Encontro em Vitória (ES) em busca de apoio para um novo encontro, agora em terras pernambucanas. Estiveram os dois, desde o início, na construção do evento que aconteceu quatro meses depois e na formação do que seria o Movimento de Escritores Independentes de Pernambuco.

A entrevista com Martins durou pouco mais de uma hora. Conversamos sobre as influências, as dificuldades do Movimento e os objetivos dos poetas:

O Movimento era muito eclético, entendeu? A gente não tinha restrições com ninguém. Da mesma forma que você tinha um poeta formal como Cícero Melo que cultuava muito a questão do soneto e das formas mais tradicionais, você tinha gente cultuando as formas da literatura marginal, com um discurso elíptico e tal. Então o Movimento tinha como princípio básico essa liberdade, não é?

Essa será, sem dúvida, uma das mais marcantes propriedades do grupo. Uma total liberdade de criação e características, que volto a falar mais adiante, acompanham o Movimento desde o seu início. Abaixo, um dos mais ilustrativos poemas de Martins:

GEOGRAFIA DO MAL

Recife, diluidora
Dos meus sonhos,
Tens água suficiente
Para afogar-me

Tuas lâminas de vento
Ensaíam o corte
De minhas pontes
Respiratórias

Em ti sou ilha
Cercado de males
Por todos os lados
(Espinhara, 2000, p. 175).

Em *Geografia do Mal*, vemos também, assim como em Espinhara, essa relação dolorosa com a urbe. E como um bom exemplo de sua geração de independentes, mostra uma cidade que dilui sonhos e que na condição de ilha, o sujeito que vive na cidade não deixa de sofrer seus dissabores.

Aqui, é necessário destacar o importante incentivo que os poetas receberam para a realização do I Encontro que viria a se realizar no mês de agosto de 1981. Não só para esse evento como para a divulgação e reprodução de seus trabalhos nos anos que se seguiram, veremos os nomes do sebeiro Pedro Américo; do jornalista e proprietário da antiga *Livro 7*, Tarcísio Pereira; do jornalista e escritor Marcus Accioly; do poeta, escritor e filósofo Ângelo Monteiro; do jornalista Jomar Muniz de Brito; da poeta da geração 45, Celina de Holanda; do artista plástico Giuseppe Baccaro, então fundador da Casa das Crianças de Olinda; e do já citado, Alberto da Cunha Melo.

Em nossa entrevista⁷, também em formato virtual, a poeta Fátima Ferreira⁸ relembra a importância dos apoios recebidos nessa época:

A gente teve muita gente boa que apoio a gente no período. Muita. Eu encabeço logo o Alberto Cunha Melo, Cláudia Cordeiro a esposa dele também. Foram pessoas que sempre estiveram atuantes com a gente. E compraram as nossas brigas. A gente dizia uma coisa e Alberto ia lá na frente e brigava com meio mundo de gente e conquistava aquilo pra gente. Celina Holanda foi uma pessoa que esteve com a gente. Eu dizia que a casa dela era nossa sala de visitas. Por que a gente vivia na casa dela, sabe? [...] a gente teve muito apoio. Jomar Muniz de Brito, que na época foi Secretário de Cultura da Cidade do Recife. E tanta gente boa que no período, Ângelo Monteiro, professor universitário da Federal. Tanta gente que às vezes tenho até medo de esquecer nomes.

Fátima Ferreira nasceu em Olinda e desde o início da década de 1980 acompanhava a cena poética do Recife. Junto com Sérgio Lima Silva, Samuca Santos e Leni Vieira criou a Editora *Bandavuô*⁹ e o jornal alternativo *Agora Nós*¹⁰. Esta editora, aliás, nasce a partir da necessidade dos escritores novos publicarem suas obras.

⁷ Entrevista realizada com Fátima Ferreira, via Google Meet, em 15 de Abril de 2023.

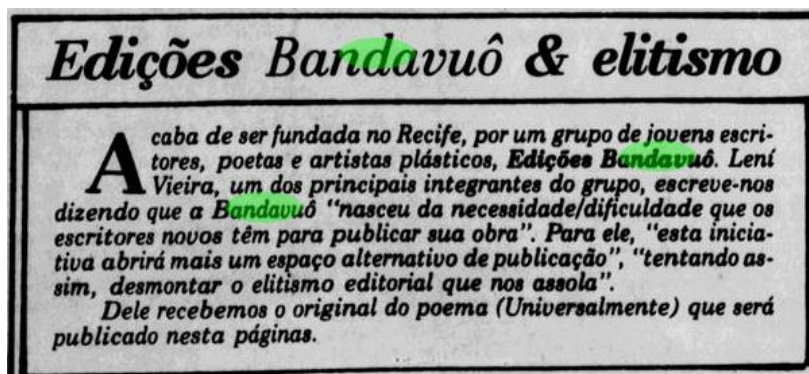
⁸ Fátima Ferreira nasceu em Olinda. Iniciou sua trajetória poética, nos anos 80, ao ingressar para a Faculdade de Direito do Recife, onde conheceu os amigos, Sérgio Lima Silva, Jayme Benvenuto e Erickson Luna. Sérgio a convidou para participar da editora Bandavuô, em parceria com Samuca Santos, Geni Vieira e o próprio Sérgio. Com eles criou um dos primeiros jornais alternativos de circulação pública do Recife, o “Agora Nós”, com a colaboração de Jayme Benvenuto e Glauce Meira. Em 1981, ingressou no Movimento de Escritores Independentes de Pernambuco, idealizado por Eduardo Martins e Francisco Espinhara, logo após a abertura política. Lançou os livros: *Decomposição* (1981), *Dedetização- Dia de Festa* (1981), *Asas de Sangue* (1982), *Colagem dos Gestos* (1995), além de participar de diversas antologias poéticas em Pernambuco e no Brasil. Em parceria com Héctor Pellizzi, lançou os jornais alternativos, “Americanto” e “O Cântaro”.

⁹ Espaço de publicação para os poetas independentes idealizado por Geni Vieira, Samuca Santos e Fatima Ferreira e lançado em 1980. Com duração incerta, agregava poesia e artes visuais de artistas como Jorge Lopes, Dione Barreto e Marcelo Mario de Melo.

¹⁰ Publicação com seis páginas do grupo Nós Atados, Olinda, PE. Slogan: “Pelo grito poético!”. Entre os participantes constam: Fátima F. Ferreira, Samuel Ferreira dos Santos, Sérgio Lima Silva e José Maria Zizo,

A iniciativa tinha por objetivo, abrir espaços alternativos de publicação demonstrando o elitismo editorial que os excluía. Uma nota do caderno Panorama Literário da edição de 27 de Fevereiro de 1981 do Diário de Pernambuco, reproduzida abaixo, registra isso:

Figura 1 - Nota no caderno Panorama Literário do Diário de Pernambuco, em fevereiro de 1981



Fonte: Edições [...], 1981.

Fátima foi também uma das componentes mais ativas do MEI-PE, lançando seus livros e participando de diversas antologias poéticas. Em parceria com Hector Pellizzi¹¹ lançou os jornais alternativos *Americanto*¹² e *O Cântaro*¹³. Estes se tornarão notórios espaços de divulgação das produções alternativas.

Também no Diário de Pernambuco do dia 08 de dezembro de 1981, agora no caderno Imagem e Som, na coluna de Marcus Prado, lemos o registro do surgimento do *Americanto*. Nesta nota, um tanto poética, lemos o destaque dado ao nascimento de um novo espaço dedicado à poesia e à prosa no Recife. Sob a direção de Fátima Ferreira e Hector Pellizzi, o

Propõe-se a ser um espaço em prol dos poetas inéditos, desconhecidos, marginalizados. Publicação literária e exclusivamente poética teve seu primeiro número em 1981

¹¹ Héctor Pellizzi nasceu em Junin, Argentina, em 1954. Publicou os livros de poesias: "Por Caminhos de Pássaros" (1981-PE), "Pequenos Poemas Bilingües", "Quatorze poemas pra quebrar o galho", "A Palavra Nua" e "Sinfonia em Sol Maior". Editou o livro de contos "A Guerra da Boa Vista e Outras Historias", hoje na segunda edição em português, existindo também uma versão em espanhol. Publicou o livro de crônicas "Me Conte, que Eu Conto" (1996- PI). Fundou os jornais alternativos de cultura AMERICANTO e O CÂNTARO que circularam em Recife nos anos 80 em co-autoria com a poetisa pernambucana Fátima Ferreira. Foi parceiro em publicações com o escritor pernambucano, Juarez Correia, ("América Indignada", poemas) e com Neto Sambaíba, poeta piauiense (América Morena, antologia poética).

¹² Revista literária com oito páginas, posteriormente aumentada para doze. Sob direção de Fátima Ferreira e Hector Pellizzi, o número 1 foi lançado em novembro de 1981. Contém ilustrações, entrevistas, poesia e notícias. Possuiu inúmeros colaboradores e seu último lançamento aconteceu em meados de 1983.

¹³ Jornal literário idealizado por Hector Pellizzi e Fátima Ferreira que teve seu primeiro número lançado em 1984. Seguindo a mesma proposta do Americanto, abria espaço para outros poetas, colocando-se como espaço de divulgação da poesia independente pernambucana.

Americano “[...] surge como fruto de um grande Amor, no tempo em que essa transa de amor está secando, e só algumas árvores é que se arriscam a brotá-lo. É fruto da relação forte entre o homem e a vida. A arte em essência” (Prado, 1981, p. 5) No parágrafo seguinte, destaca-se o espaço como um ambiente pensado para a produção independente que é anárquica, é pornográfica, é nova e tem a garra e a união necessárias para se manterem fortes contra as “ervas daninhas”.

A seguir, trazemos o poema *Signo de um povo* de Fátima Ferreira, de uma forte conotação política, característica que, mesmo diante de um contexto político adverso, muitos dos poetas não abriam mão de explorar:

SIGNO DE UM POVO

Vejo um povo que bate e que blasfema
no meu amor pelo livre pelo justo.
Vejo um povo que chora o desencanto
e dorme sobre o túmulo do seu rosto.
Vejo um povo que consome a própria carne
e mutila-se pela busca da verdade.
Vejo um povo embriagado de desejos
sob silêncio de vendaval e tempestade.

Vejo um povo que perdeu seu pedestal
e chora sobre o cadáver do tempo morto.
Vejo um povo que perdeu a esperança
e dorme sob a lama do desgosto.

Vejo um povo vestido de coragem
que se levanta na fala alucinado.
Vejo um povo gregário e vencedor
por mim e pelo mar dos humilhados
(Correya, 1996, p. 230).

Neste poema, Fátima Ferreira contempla um tema muito caro entre os Independentes. A liberdade, ou melhor, a falta dela, não poderia deixar de estar entre os trabalhos da maioria dos poetas. Palavras como “justo” e “desencanto”, “esperança” e “desgosto”, “silêncio” e “coragem” dão ao poema uma carga dramática que representava o ambiente político da época, uma mescla de medos, mas também expectativas. Boas expectativas.

2.2 I Encontro Pernambucano de Escritores Independentes

O I Encontro Pernambucano de Escritores Independentes aconteceu em Olinda na Fundação Casa da Criança em agosto de 1981. No testemunho de Espinhara, foram mais de 60 presentes que durante 3 dias participaram de oficinas, debates, venda de livros, exposições e recitais, tanto em Olinda quanto nas ruas de Recife.

Nas palavras de Eduardo Martins¹⁴:

O que eu vejo como maior expressão do Movimento de Escritores Independentes é a mesma coisa que o Alberto da Cunha Melo falava, que é essa coisa da retomada da oralidade da poesia, não é? E a retomada do centro do Recife. Porque era aquilo que eu lhe disse, o que a gente estava assistindo era os poetas todos dentro dos gabinetes, Gabinete Português de Leitura, Fundação Joaquim Nabuco, e ninguém na rua. E nós realmente tomamos a rua de volta.

Neste momento da entrevista, o professor Eduardo Martins relembra do jornalista, escritor e grande colaborador Alberto da Cunha Melo, e dessa que foi uma das características mais fortes entre estes poetas: a oralidade. A popularização da poesia e a democratização da arte literatura são pressupostos fundamentais deste grupo, e levados muito à sério por seus membros desde o início.

O evento foi notícia no Diário de Pernambuco de 19 de agosto de 1981. Na matéria, tomamos conhecimento, através da programação, o que viria a ser a proposta artística do grupo, com feiras de livros, debates, exposições e apresentações de violeiros, cantadores e repentistas. A ideia de formação de um grupo de poetas para defesa de seus interesses, a busca de uma identidade própria, a valorização da condição de independente, o senso de coletividade, a paixão pela cultura popular e o desejo de divulgação de sua arte ficam claros, desde o primeiro momento, como pautas que fundamentarão as ações do grupo.

A matéria credita a realização do “conclave” a estudantes das principais instituições de ensino superior do Estado. Alunos da Universidade Católica, da Universidade Federal, da FESP e da FAFIRE figurarão, segundo a matéria, entre os organizadores. No breve resumo feito, a matéria resgata o início das iniciativas para criação de uma associação para defesa dos escritores independentes.

¹⁴ Entrevista realizada com Eduardo Martins, Via Google Meet, em 22 de março de 2023.

A ideia de criação de uma associação que defendesse os interesses dos escritores independentes, nasceu durante o I Encontro Nacional de Estudantes de Letras, realizado ano passado no Centro Acadêmico Patativa do Assaré, em Salvador e foi crescendo e tomando corpo no encontro seguinte realizado em abril deste ano, em Vitória, Espírito Santo. Nessa oportunidade, ocorreu, paralelamente, a Reunião Nacional de Escritores Independentes, com a participação de nove Estados, em que ficaram estabelecidos os representantes de cada Estado que formariam as comissões estaduais. Três meses depois, durante encontro da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, em Salvador, ficou decidido que os representantes estaduais dos escritores independentes deveriam realizar encontros e reuniões (Encontro [...], 1981, p. 3).

A matéria ouviu Jesualdo Menezes, estudante de História da Universidade Federal de Pernambuco e um dos organizadores do evento, que vislumbra a presença de mais de cem participantes e o sucesso de uma futura cooperativa de escritores independentes:

Jesualdo Menezes tem certeza que, tão logo seja encerrado o encontro de Olinda a cooperativa dos escritores independentes estará formada e coesa para imprimir, distribuir (através da Livraria Re-ler) e valorizar, cada vez mais, os escritores independentes. (Encontro [...], 1981, p. 3).

Eduardo Martins ainda nos conta o seguinte, sobre o Movimento¹⁵:

O Movimento Independente eu acho que se caracteriza muito dentro desse aspecto da conjuntura popular. A escolha, por exemplo, de se fazer o evento na Fundação Casa da Criança não foi à toa. Lá estavam os cordelistas, lá estavam os emboladores, lá estavam os poetas populares. E o que a gente queria na verdade era trazer realmente essa coisa de volta pras ruas de Recife.

Fátima Ferreira também reforça essa ideia primordial do Movimento, no que diz respeito à popularização da poesia, à democratização da arte poética sem grandes dificuldades, pegando carona na arte centenária dos cantadores e emboladores¹⁶. Ela diz:

O que a gente tinha em comum era essa oralidade. Levar essa poesia para ruas. Como o violeiro, que tá ali, canta sua música pra todo mundo, sem cobrar nada pra ninguém, uma coisa gratuita. Que as pessoas tenham acesso a isso, à cultura em geral. Então a gente tinha essa oralidade, a gente queria levar essa poesia para pessoas de uma forma livre, espontânea, de uma forma gratuita, de uma forma amena.

¹⁵ Entrevista realizada com Eduardo Martins, Via Google Meet, em 22 de março de 2023.

¹⁶ Entrevista realizada com Fátima Ferreira, Via Google Meet, em 15 de Abril de 2023.

Sobre isto, o poeta recifense Valmir Jordão, que também participou do Movimento, tem a seguinte opinião¹⁷:

Fizemos o papel de Prometeu, né? Roubar o fogo dos deuses. Tirar a poesia das bibliotecas, tirar a poesia das estantes e das academias e levar pra rua, né? Que essa geração, a gente recitava na rua, nas praças, nos Sindicatos, nos cinemas, nos teatros e principalmente nas praças e ruas, do Recife, de Olinda, Região Metropolitana. Então, fazíamos saraus sempre. Quase todo dia, de segunda a sexta tinha sarau. Por que a gente se reunia a noite elaborava alguma coisa e lá pras oito, oito e meia da noite a gente estava fazendo um sarau espontâneo.

Valmir é um poeta e compositor recifense com diversos livros lançados. *Sobre vivências* (1982), *Hai kaindo da real* (2008), *Poemas recifenses* (2019) e *Livro das mutações* (2023) são alguns deles¹⁸. A entrevista aconteceu no dia 17 de fevereiro de 2023 e com a descontração de um dia que antecede o carnaval, conversamos sobre sua participação na vida do grupo, seu processo criativo e suas influências literárias:

Pra mim, a poesia tinha alguma coisa mágica, né? Tinha o Manuel Bandeira, Carlos Pena Filho, Mario de Andrade, que sou amarradão nele, Oswald de Andrade. Entendeu como é que é? A poesia da geração Mimeógrafo do Rio, né? Chacal, [...]Isabel Câmara, certo? E por aí vai. Mas aqui em Pernambuco naquele período quem estava no auge era a geração 65, uma geração de poetas magníficos, é bom registrar isso, poetas magníficos [...] Só que era uma geração de poetas acadêmicos, aquela poesia da academia, da universidade.

Para ele, o grande mérito dessa geração de 1980, foi justamente tirar desses espaços mais elitizados a exclusividade do contato com a poesia, com os recitais e saraus. Escolhem, assim, os independentes, por convicção artística, o contato com a camada da sociedade mais desfavorecida, composta por homens e mulheres que possuem o estatuto de dominado, e a quem Michel de Certeau chama de “homem ordinário”. São sujeitos que, é importante lembrar, mesmo que estejam propensos à dominação do trabalho, da pobreza e da precariedade, não quer dizer que sejam passivos ou dóceis, pelo contrário, possuem seus

¹⁷ Entrevista realizada com Valmir Jordão, Via Google Meet, em 17 de Fevereiro de 2023.

¹⁸ Valmir Jordão nasceu em 1961 na cidade do Recife-PE. Apresenta-se nas praças, teatros, escolas e sindicatos. Participa de saraus, oficinas e eventos culturais em Pernambuco e em outros Estados. Publicou vários livros, entre eles: *Sobre Vivências*, Ed. Pirata (1982), *Anartistas in nuliverso* (1985), *Antípoda* – Ed. Escalafobética (1990), *Poe Mas*, Ed. Escalafobética (1999), *Hai Kaindo na Real* (2008), *Poemas Diversos* (2013), *Poemas Reunidos* (2014), *Poemas Recifenses*, Ed. Escalafobética (2019) e *O Livro das Mutações*, Ed. Escalafobética (2022). Organizou antologias e foi um dos editores do jornal *O Balaio de Gato* (1989-2002).

“usos” e suas “maneiras de fazer”, “práticas” e “artimanhas” como forma de enfrentamento no terreno do cotidiano, como faz Valmir Jordão:

AH, RECIFE

Dizem os bardos que uma
cidade é feita de homens,
com várias mãos
e o sentimento do mundo.

Assim, o Recife nasceu no cais
de um azul marinho e celestial,
onde suas artérias evocam:
Aurora, Saudade, Concórdia,
Soledade, União, Alegria,
Sol, Prazeres e Glória.

Mas nos deixa no chão,
atolados na lama
da sua indiferença aluviônica:
a ver navios com suas hordas invasoras,
e o Atlântico como possibilidade de saída...
(Jordão, 2019, p. 16).

Neste poema, Valmir Jordão traz temas e características muito comuns entre os Independentes, como a ironia, a veia crítica e os sentimentos de desilusão e desencanto. Uma poesia que escolhe a urbe como o lugar de vida e de morte, do azul marinho e da lama que atola.

Ainda sobre o I Encontro Pernambucano de Escritores Independentes, em matéria publicada no Diário de Pernambuco de 06 de setembro de 1981, lemos a repercussão do encontro ocorrido no mês de agosto e, em linhas gerais, as prioridades e objetivos dos Escritores que, agora sim, se organizam em torno de uma pauta que atende aos interesses comuns. O texto, além de falar na presença de mais de cem participantes, destaca palavras como *ousadia*, *solidariedade* e *direitos autorais*: bandeiras defendidas pelos poetas desde o início. Diz a matéria: "A defesa dos direitos autorais e a resistência contra a exploração do escritor por empresas editoriais também deverão estar no centro das atividades do Movimento" (Escritor [...], 1981, p. 3).

Em seu livro *Movimento dos Escritores Independentes de Pernambuco: história e produção literária*, escrito em parceria com a professora Maria Elisabete Sanches e lançado

em 2019, Eduardo Martins reproduz o release preparatório para o Encontro Estadual que ocorreria em agosto de 1981¹⁹.

Neste rico material, que atesta a capacidade de organização dos seus idealizadores, podemos ver uma rápida apresentação do que propõem que seja o I Encontro de Escritores Independentes, bem como uma pauta para debate, encaminhamentos e um cronograma de atividades. A cultura popular, nota-se, constitui um ponto importante no organograma da organização ao fazer parte de um dos temas a ser discutido nos dois dias de evento, bem como nas apresentações artísticas (Sanches; Martins, 2019).

Aqui, é importante deixar claro que mesmo que levemos em conta as circularidades culturais defendidas por Carlo Ginzburg e a inexistência de valores rígidos entre o erudito e o popular, possibilitando trocas e conexões entre elas, entendemos que determinadas manifestações artísticas têm sua expressão mais fortemente marcada em classes sociais menos favorecidas. Os cordelistas, os violeiros e os cantadores são exemplo disso e por isso serão as atrações artísticas do Encontro.

Essa convocatória, assinada por uma comissão organizadora que tinha Eduardo Martins e Espinhara como componentes, assumia as dificuldades para a realização da mesma, porém depositava plena confiança no sucesso do Encontro. Martins lembra o seguinte do Encontro²⁰:

Esse Encontro pernambucano ele deu uma, sei lá, umas 80, 70 pessoas. Mas não só gente que tava interessado de participar do Movimento, mas gente que estava curiosa mesmo. Gente da geração 65, da geração de 70. Então muita gente que estava na verdade curiosa de saber o que é que tava rolando.

O testemunho de Eduardo é reforçado com o que Fátima Ferreira nos fala sobre esses dias na Casa das Crianças de Olinda²¹:

Olha, foi interessantíssimo, Luiz. Por que veio gente de todas as tendências, não é? Veio gente da música, veio gente da poesia, veio gente do teatro. Quando a gente viu, a gente não tinha nem ideia daquela proporção. A Casa da Criança, na época era um anfiteatro que era dirigida por Baccaro, um mecenas ligado a arte aqui em Olinda. Ele tinha uma galeria, ele criou essa Casa, tinha uma Editora na época dentro da própria Casa da Criança. E ele

¹⁹ Ver Apêndice para visualizar esta reprodução.

²⁰ Entrevista realizada com Eduardo Martins, Via Google Meet, em 22 de março de 2023.

²¹ Entrevista realizada com Fátima Ferreira, Via Google Meet, em 15 de Abril de 2023.

tinha toda uma estrutura, com um anfiteatro muito legal. E de repente a gente viu aquilo ali cheio, lotado, com repentista, com artista, com cantor.

Fátima, que nessa época era uma jovem estudante da Faculdade de Direito do Recife, ainda nos diz que quem quer que fizesse parte do meio literário da época no estado de Pernambuco, ficou sabendo do acontecimento. A essa efervescência cultural se juntavam os sonhos de liberdade solapados por governos ditatoriais que já duravam quase 30 anos. Ela diz, “além de pão queríamos e circo e liberdade, que nos foram sabotados pela ditadura militar”. Aliás, é preciso entender que apesar da política não ser um tema essencial na produção destes poetas, não se podia fugir dela, não se podia fechar os olhos para o que acontecia no país e para o que interferia diretamente em suas vidas.

Aconteceram mais dois Encontros, também na Casa da Criança de Olinda. Em abril de 1982 realizou-se o II Encontro Estadual e em outubro do mesmo ano o II Encontro Nacional de Escritores Independentes. Observa-se, que ocorre um arrefecimento em comparação àqueles primeiros momentos.

A produção dos jornais e fanzines continuaram, as exposições e saraus abertos prosseguiram acontecendo e a despeito da menor participação nestes dois últimos Encontros, a semente tinha sido lançada naquele início de 1981. Aliás, no I Encontro Nacional realizado em Fortaleza em setembro 1981, foi utilizado como base para definição do que é ser um Escritor Independente, as resoluções definidas em Pernambuco no mês anterior, quando ocorre o I Encontro Estadual.

2.3 Literatura Marginal

Em seu livro *O que é poesia Marginal*, o poeta paulista Glauco Mattoso escreve:

Como você vê, não é que eles deixem de lado a participação política. A diferença é que a política não está sendo encarada com tanta importância e gravidade, sob a forma de questões centrais, e sim como um dos aspectos do cotidiano, na medida em que interfere na vida prática de cada um (Mattoso, 1981, p. 49).

Contextualizando essas questões, trazemos algumas resoluções do MEI-PE e definições essenciais do I Encontro Estadual que se assemelham ao que Mattoso denomina de Literatura Marginal inserida em movimentos de contracultura: a independência ante uma sociedade e seus valores opressivos; ante o governo e seus órgãos estaduais de cultura e empresas editoriais; a aversão ao meio intelectual e político que tenta padronizar e restringir a

livre expressão e criação; e a liberdade do escritor em manifestar as suas opiniões políticas, filosóficas e ideológicas, serão princípios básicos e gerais para a definição do que viria a ser independente para este grupo de artistas. Os documentos que transcrevemos a seguir estão também reproduzidos no livro *Movimento dos Escritores Independentes de Pernambuco: história e produção literária* (2019), de Eduardo Martins e Maria Elisabete Sanches.

Diz o documento:

DEFINIÇÕES GERAIS

1. A respeito da questão “o que é o escritor independente”, o Encontro elaborou as seguintes definições:

- a) Independência ante a sociedade opressiva que aí está e os seus valores estabelecidos;
- b) Independência ante o Governo, órgãos estatais e empresas editoriais, não aceitando interferências a respeito do conteúdo e da forma das suas criações teóricas ou literárias;
- c) Independência ante pressões vindas do meio intelectual ou político, no sentido de impor, padronizar ou restringir temáticas _ livre expressão dos momentos e vivências de escritor, que só a sua sensibilidade cabe determinar
- d) Independência de cada escritor nos seus posicionamentos filosóficos, teóricos, político-ideológicos, nas suas opções por correntes e movimentos literários, em tudo o que diz respeito à edição, divulgação e distribuição dos seus livros

(Sanches; Martins, 2019, p 128).

Nesse Encontro, algumas outras resoluções mais específicas foram debatidas pelos presentes. Vale lembrar que, no fundo, o que se buscava era encontrar o caráter do Movimento, um perfil mínimo que o definisse, que desse fundamentação a um corpo que já agia e respirava. Assim, na primeira parte do documento que versa sobre as definições gerais, vemos uma clara preocupação de não tomar como absoluta e intocável a definição do que é ser independente, entendendo o termo como algo construído coletivamente respeitando o momento histórico e as práticas sociais; não se vincular a partidos políticos; ter um caráter coletivo e democrático; não esperar por dádivas e benesses estatais; bem como repudiar todas as formas de censura, defendendo intransigentemente os direitos autorais e o ofício de escritor. Lemos isso nos itens 3, 4,5 e 6, reproduzidos abaixo.

3. O Encontro ressalta que as definições aprovadas sobre “o que é escritor independente” não devem ser tomadas como absolutas, definitivas e intocáveis. Elas representam o ponto de partida que se pôde estabelecer coletivamente num momento, devendo ser atualizadas ou corrigidas pela sensibilidade ante os testes e testemunhos da prática.

4. O Encontro considerou sem importância, numa entidade que venha a ser criada no Estado, figurar ou não o termo independente. O essencial é que as bases aqui definidas estejam presentes nos seus Estatutos e na sua atuação. A entidade deverá ter inscrita também como norma, respeitando as opções políticas dos seus membros, a não vinculação à partidos políticos.

5. O Encontro considera que uma entidade de escritores independentes no Estado, deverá ser, necessariamente, o fruto de um movimento que deite raízes, e não o resultado de uma vontade cupulista

6. O Movimento dos Escritores Independentes de Pernambuco deve ter como norma de ação não esperar as dádivas e os espaços vindo de cima, mas procurar abrir com ousadia seus caminhos e espaços próprios. Neste sentido, é fundamental romper com os padrões de acomodação e academicismo, que consiste em apenas reunir e discutir, devendo-se partir para o desencadeamento de um movimento, prático e imediato, ligado às necessidades vitais e aos problemas concretos do ofício de escritor. (Sanchez; Martins, 2019, p. 128, grifos do autor).

Além destas definições estabelecidas após um amplo debate, gostaria de destacar o item 10 e 11 reproduzidos acima, na primeira parte do documento. Neles, vemos que o grupo demonstra preocupação em levar para as escolas as produções de novos escritores e escritoras. Um forte desejo de possibilitar aos estudantes o acesso a novas produções poéticas e literárias, ao trabalho de artistas contemporâneos, bem como a ação conjunta com as outras expressões artísticas, como a fotografia, o teatro, a música e as artes plásticas.

10. O Movimento deverá se articular com professores de português e literatura, nos colégios e nas universidades, no sentido de serem utilizados em aula textos de autores novos. Dentro do mesmo espírito, deverão ser estabelecidas as relações com os estudantes de letras.

11. O Movimento dos Escritores Independentes estimula a solidariedade e a ação conjunta de todas as artes e de todos os ramos da produção intelectual. (Sanchez; Martins, 2019, p. 130).

Com o desejo de aprimoramento da qualidade de suas produções poéticas e literárias, viram a necessidade de um espaço interno para a autocrítica e autoavaliação, como uma alternativa à apreciação academicista. Por fim, vemos uma genuína preocupação na editoração das suas produções, sugerindo aos jornais e revistas independentes o estabelecimento de critérios para realizar não só a captação, a seleção e a revisão dos materiais, mas também a parte escrita, gráfica e de divulgação, como vemos a seguir:

12. O Movimento tem um compromisso com o aprimoramento da qualidade do produto intelectual. Neste sentido, abrirá um espaço para o exercício da

crítica e da autocrítica, a partir do seu próprio interior, sendo naturalmente voluntária a participação de cada um. O objetivo é também oferecer uma alternativa à Crítica de fundo academicista. [...]

14. Visando superar lacunas de informação sobre as experiências editoriais e publicações alternativas existentes no Estado, o Encontro sugere às Edições Pirata, às Edições Bandavuô, à Fundação Casa da Criança, à Revista da Poesia, à Revista Vidas Secas e outras, que realizem uma avaliação da sua experiência e formulem critérios definidos sobre tudo que se refere à linha editorial, como ordem de colocação de originais, seleção, divulgação, lançamento, participação no produto. (Sanches; Martins, 2019, p. 129).

Na segunda parte deste material intitulada *Ação e Organização Imediatas*, o grupo parte para iniciativas mais concretas, dentro da proposta de ocupar ruas e estender sua área de atuação. Logo no início, demonstram o interesse de transformar a então *Rua 7 de Setembro* no centro do Recife em um espaço de expressões artísticas e celeiro poético. Propunham, inclusive, mudar seu nome para *Rua da Arte* e estabelecer os dias de sexta-feira à noite e sábados pela manhã como os horários para os saraus, as exposições e os recitais, a ideia é explicitada no item 1 do segundo tópico intitulado **AÇÃO E ORGANIZAÇÃO MEDIATA**.

1. Ocupar o espaço da Rua Sete de Setembro, no Recife, transformando-a em Rua da Arte, nas sextas-feiras à noite e nos sábados pela manhã. Começar no sábado próximo, 29 de agosto, a partir das 08:30, com som, poesia oral, exposição e venda de livros, cartazes etc. (Sanches; Martins, 2019, p. 129).

Além disso, buscar lugares de vendas e exposições das produções independentes em livrarias particulares, como o que já existia na *Livro 7* e na *Síntese*²²; encontrar formas inovadoras de divulgação das produções; estabelecer contato com outras produções independentes em outros Estados e publicação de uma antologia poética com todos os presentes nesse I Encontro são algumas das propostas que constam no documento final. São os itens transcritos abaixo:

5. Encaminhar carta circular às livrarias pernambucanas, no sentido de que, como já existe na *Livro 7* e na *Síntese*, seja mantido um local reservado às edições alternativas, de movimentos ou escritores individuais. [...]

7. Publicar uma antologia com trabalhos de todos os presentes ao I Encontro dos Escritores Independentes de Pernambuco. [...]

²² Livraria fundada por Suely Pereira e Murilo Alves em 1976 e situada no cruzamento da Rua Sete de Setembro com a Rua do Riachuelo. Antes de encerrar suas atividades em meados da década 1990, tornou-se junto a *Livro Sete*, um reduto da cultura literária recifense e um importante apoio para o MEIPE.

10. Buscar novos pontos de venda dos livros de autores novos ou alternativos e estuda formas inovadoras de propaganda;
11. Estabelecer contatos com escritores independentes de outros Estados visando intercâmbio na distribuição de livros. (Sanches; Martins, 2019, p. 129).

Um dos últimos tópicos, mas não menos importante, diz respeito a eleição de uma coordenação para o Movimento dos Escritores. Nomes como o de Marcelo Mário de Melo, Pedro Américo, Cida Pedrosa e Teresa Tenório compuseram a Coordenação que deveria se reunir semanalmente, em lugar público e aberto à participação. As informações sobre o trabalho da coordenação e sobre o MEI-PE seriam expostas na *Livraria Reler*, na Rua José de Alencar, Bairro da Boa Vista.

12. Eleger uma coordenação para o Movimento, que deverá se reunir semanalmente, em dia e local conhecido por todos, sendo aberta a participação. A coordenação, através de grupos de ação, promoverá a propaganda, o contato com os membros do movimento, com outros setores ligados à vida artística e intelectual, com a imprensa e os meios de comunicação. São os seguintes, por ordem alfabética, os membros da Coordenação: Andrea Silveira Mota, Caesar Sobreira, Cida (Maria Aparecida), Chico de Assis (Francisco de Assis Silva), Don Antônio, Eduardo Martins, Fatima Ferreira, Jaime Benvenuto Junior, Jesualdo Menezes, Marcelo Mário de Melo, Antônio Medina, Nilton (Niltinho), Pedro Américo, Romana Maria Rodrigues, Samuel Santos e Tereza Tenório.
[...]

14. Todas as informações sobre o Movimento e o trabalho da Coordenação, serão centralizadas e expostas em painel na Livraria Reler, Rua José de Alencar, nº 134, Boa Vista – Recife. (Sanches; Martins, 2019, p. 129).

O Movimento de Escritores Independentes de Pernambuco comprometia-se com a liberdade de expressão, com a resistência democrática e com o poder da oralidade. Fugia, além disso, de um padrão estético tradicional que presava por diretrizes formais e temáticas bem definidas, erguidas sobre uma torre de marfim etérea e bem comportadas. Os independentes não tinham uma preocupação exclusivamente estética, e seus trabalhos possuíam muito mais um estilo coloquial e informal, sem rígidas regras gramaticais. Glauco Mattoso nos ajuda a compreender essa diferença entre gerações de poetas. Diz ele:

Ao contrário da última corrente de vanguarda (o poema-processo) e de seus antecedentes concretos fundamentais, a poesia marginal não apresenta qualquer homogeneidade, prática ou teórica. Não há um trabalho coletivo ou grupal orientado e posicionado contra ou a favor de determinados conceitos. Se existem traços comuns à maioria dos autores da década, são eles a desorganização, a desorientação e a desinformação. E mais: a

despreocupação com o próprio conceito de poesia e o descompromisso com qualquer diretriz estética resultaram numa espécie de displicência, de certo modo saudável [...] (Mattoso, 1981, p. 29)

O MEI-PE, assim, distanciava-se do cânone literário dominante, tanto em sua forma quanto em conteúdo, pois não será incomum o seu ataque frontal aos mecanismos de poder, num combate ideológico em que a visão crítica escancara a relação indissociável entre arte e a vida. Some-se a isso o seu aspecto anárquico e a sua postura deliberadamente marginal e teremos um movimento de contracultura que perdura por praticamente oito anos e deixa um legado para gerações posteriores de artistas, escritores e poetas.

2.4 A dispersão do MEI-PE

O Movimento de Escritores Independentes de Pernambuco carregava uma característica que talvez nos ajude a entender sua dispersão anos depois. O seu perfil anárquico e não institucional possibilitava uma fluidez de participação e assiduidade. Estava longe da proposta do grupo e de seus principais idealizadores tornarem-se algo parecido com um sindicato ou um partido.

Estava no cerne do grupo a liberdade de uma poesia que não “batia ponto”, como diria Valmir Jordão e Fátima Ferreira. As dificuldades de comunicação também dificultavam uma presença sempre maciça nos eventos organizados. A dispersão do grupo, por mais lamentável que possa parecer, parecia algo inevitável e natural. Pelo menos é assim que Eduardo Martins pensa. Ele nos fala o seguinte sobre isso²³:

Eu penso que, infelizmente, a vida vai fazendo você se dispersar. A vida foi fazendo a gente se dispersar. Eu penso como o Hector (Pelizzi), que foi uma dispersão natural, que as pessoas começaram a entrar naquela de ‘ah, eu estou com tantos anos, e eu vou fazer o quê aqui? Vou continuar dando aula no cursinho?, como era meu caso e o de Espinhara. A gente não gozava de nenhuma estabilidade, nada. Final do ano, às vezes, você ficava duro, por que os cursinhos demitiam.

O poeta argentino citado por Eduardo nos fala o seguinte²⁴:

²³ Entrevista realizada com Eduardo Martins, Via Google Meet, em 22 de março de 2023.

²⁴ Entrevista realizada com Hector Pellizi, Via Google Meet, em 10 de Março de 2023.

Do meu ponto de vista, foi um problema econômico. Quando chega Collor de Mello, nós ficamos sem trabalho. Eu migrei para Teresina no Piauí. Cida Pedrosa tava nos Sindicatos rurais, depois assassinaram um companheiro dela. Eu perdi contato com Cida. Chico Espinhara e Eduardo Martins foram para o Norte, Roraima. E assim foram se dispersando. Eu perdi todo contato por que eu fui a 1.200 km de Recife.

Tanto um como outro acreditam que a dispersão desse núcleo mais atuante ajuda-nos a entender com mais clareza o que aconteceu.

Em Espinhara (2000), observamos um detalhe curioso e não menos importante que para o poeta arcoverdense não pode ser desprezado. Por mais que nos preceitos do grupo existisse a ideia de não institucionalizar-se, de não se tornar algo parecido com o que eles tanto combatiam, a possibilidade de vencer as eleições para a direção da UBE-PE (União Brasileira de Escritores – Pernambuco) em 1987 parecia um passo importante para a propagação de seus ideais.

A chapa que concorreu ao pleito 87/88 tinha como candidato a presidente o também poeta e escritor Marcus Accioly, além de figuras bem conhecidas do meio acadêmico e literário pernambucano, é o caso de Ângelo Monteiro (1º. Vice-presidente), Paulo Caldas (2º. Vice-presidente), Raimundo Carreiro (Imprensa), Marco Polo (Departamento de Artes Plásticas) e Amaro Quintas (Conselho Fiscal), além de Fatima Ferreira, Francisco Espinhara e Eduardo Martins que compunham a chapa chamada UNIFICAÇÃO. A outra chapa concorrente de nome COMPROMISSO era encabeçada por Nagib Jorge Neto e Pedro Américo como candidatos à presidência e vice-presidência, respectivamente. Contava esta última com o apoio do então presidente em fim de mandato, o escritor Paulo Cavalcanti.

A matéria "União dos Escritores tem pleito marcado para o dia 15" do Diário de Pernambuco, Caderno Cidades, de 03 de janeiro de 1987, relata o pleito. O então candidato pela chapa "UNIFICAÇÃO", Marcus Accioly, comenta a necessidade de unificar a classe de escritores, e fala do grande apoio recebido por parte "de todos os segmentos de escritores pernambucanos". Sobre suas propostas, lê-se o seguinte na matéria:

O programa de ação, já estruturado, ao que informou Marcus Accioly luta por uma sede própria, reforma estatutária, interiorização do intercâmbio cultural, ação editorial socializante, política financeira independente, vinculação de todos os escritores de Pernambuco à UBE, 'enfim o programa propõe uma verdadeira União Brasileira de Escritores', disse Accioly. (União [...], 1987, p.12).

Sobre isso, Espinhara escreve o seguinte:

Em Janeiro de 1987, confrontaram-se forças antagônicas: de um lado, as retrógradas, apostando no continuísmo; do outro, as libertárias, ensejando o término coronelístico-cultural do estado. Nunca houve na história recente desse "antro de escritores" registro de pleito tão acirrado. Com o propósito de rompermos o preconceito contra o Movimento, "batemos" chapa com os renomados poetas Marcus Accioly e Ângelo Monteiro, para alternarem-se na presidência da "entidade", caso vencêssemos. (Espinhara, 2000, p.131).

Segundo ele, o grande problema surge em torno dos votos das cidades do interior. A dificuldade em fiscalizar e cuidar da segurança no transporte destas cédulas de votação até chegarem no Recife, era um complicador a mais. O acordo firmado entre as chapas estabelecia que o chamado voto em trânsito fosse enviado por correspondência. Bem, ao que parece, esses votos chegaram, mas o grupo de Nagib Jorge não aceitou a sua computação, quebrando um acordo firmado anteriormente. Para os independentes aliados de Accioly, os votos dos poetas do interior seriam determinantes para a vitória da chapa Unificação:

O acordo firmado por ambas as partes na Livraria Síntese, da leitura dos votos em trânsito, foi quebrado pelo legendário escritor Paulo Cavalcanti e seus asseclas, em um embuste "vermelhamente" acintoso. Perdemos justamente pela não "apuração" ardilosa desses sufrágios (Espinhara, 2000, p.131).

A eleição é vencida pelo grupo de Nagib Jorge Neto e suscita críticas pela condução do processo, deixando a impressão, também para Fatima Ferreira, que esse foi um dos motivos para a dispersão do grupo embrionário e conseqüente esvaziamento do Movimento. Perguntada sobre se o resultado da eleição influenciou nos destinos do MEI, a poeta, que hoje mora em Olinda, diz: "Influenciou. Totalmente. Tolamente. Olhe, eu acho o seguinte: foi o fim, foi o fim da gente [o MEI], a U.B.E." Ela vai além²⁵:

Nós éramos muito ingênuos até certo ponto, por que a gente queria levar a poesia às ruas, né? Imagina. E nós éramos românticos e a gente não tinha noção do que as pessoas, veja bem, que buscam o poder elas são muito articuladas e articuladoras, e a gente não tinha essa visão, a gente não tinha essa experiência.

Membros do MEI-PE, como Hector Pellizzi, Chico Espinhara e Fátima Ferreira, entre outros, acreditam que a não contagem dos votos em trânsito determinou a vitória da chapa da

²⁵ Entrevista realizada com Fátima Ferreira, Via Google Meet, em 15 de Abril de 2023.

situação apoiada por Paulo Cavalcanti, e nem a judicialização da questão ajudou a reverter o resultado.

Sentimos essa perda como se fosse o fio do aço no osso das nossas aspirações democraticamente literárias. A dispersão não tardou. Foi incisiva. Os mais assíduos coordenadores (Cida Pedrosa, Eduardo Martins, Fátima Ferreira, Francisco Espinhara, Hector Pellizzi e Pedro do Amaral Costa) foram impelidos por questões "desgostosas" a se distanciarem do Movimento, deixando-o, de certa forma, acéfalo, sem disposição de seguir. (Espinhara, 2000, p.132).

Não existe um consenso sobre se o resultado do pleito causou a dispersão, mas compôs um quadro que tinha entre suas cores essa característica sazonal do grupo. O “entra e sai” das pessoas sem firmar uma presença constante, pelo menos da sua maioria, dava ao Movimento esse caráter fluido, solto. Durou enquanto o núcleo mais assíduo esteve presente. Apesar de em menor intensidade, a iniciativa independente, de produção de poesia autônoma, de baixo custo, vendida nas calçadas, bares e becos permaneceu ativa e existindo. Com isso não se pode negar que como um fato cultural que foi, deixou rastros que com o tempo transformam-se em posturas e tendências, resultado de suas influências.

Perguntada sobre o legado do Movimento dos Escritores Independentes, Fátima responde²⁶:

Eu acho que esse legado foi seguinte: foi que as pessoas aprenderam o caminho, ou seja, a gente não precisava mais...olha não precisa ser da Casa Grande pra você escrever, você não precisa ter apoio de A, B, C, de ser um grande nome pra poder escrever. Você pode começar...vê o Miró, né? A poesia de Miró tá aí. O Miró se foi mas a poesia de Miró ficou. O que foi isso? Isso foi um legado dos Independentes.

Essa é a mesma opinião de Wilson Freire²⁷:

Olha, eu escuto de poetas mais jovens falar de coisas assim. Eu já escutei Lirinha [cantor e compositor arcoverdense], por exemplo, dizer "Wilson, eu era seu fã". Luna Vitrolira [cantora e poeta], que é uma maravilhosa, que tá cantando, fazendo coisas maravilhosas com a voz performática, dizendo poemas belíssimos [...] Todas essas pessoas disseram: "Wilson, nós bebemos

²⁶ Entrevista realizada com Fátima Ferreira, Via Google Meet, em 15 de Abril de 2023.

²⁷ Entrevista realizada com Wilson Freire, Via Google Meet, em 08 de Fevereiro de 2023. Wilson Freire nasceu em 1959 e é natural de São José do Egito (PE). É médico formado pela Universidade Federal de Pernambuco e pós-graduado pela Universidade de Münster, Alemanha. Produtor cultural, poeta, cordelista, roteirista, cineasta e compositor. Também autor dos livros *A Mulher que queria ser Micheline Verunsch* (Edith, 2011), *Haikaiando* (Candiero Produções, 2012), *A Última Voz* (Mariposa Cartonera, 2015) e *As Três Marias* (Edições Bagaço, 2002) - este último, adaptado para o cinema. Participou das coletâneas *PUTAS: Novo Conto Português Brasileiro*, *Quasi Edições - Vila Nova de Famalicão/Portugal 2002* e *Os Cem Menores Contos Brasileiros do Século*, Coleção Cinco Minutinhos - Ateliê Editorial – São Paulo 2004.

da sua alma", "A gente dá graças a você", então assim, eu tenho certeza que influenciei algumas pessoas.

A redemocratização no Brasil na década de 1980 representou um período de tensões e incertezas, marcado por um intrincado e lento processo de reabertura política onde forças democráticas lutavam por mais liberdade contra um reacionarismo ainda atuante e resistente às mudanças. Neste momento crítico de nossa história, um grupo de escritores, escritoras e poetas que, sem contar com o apoio governamental e sem pertencer ao sistema oficial de produção cultural, estabelece como um de seus princípios básicos e primordiais a relação direta e mais próxima possível com o povo. Palavras, frases e atitudes repletas de cinismo, essencialmente despretensiosas e retratando um cotidiano, como se o poeta tivesse quase que uma intimidade com os leitores.

2.5 Contracultura e visão historiográfica

Até aqui, sabemos que o MEI-PE, criado por jovens escritores, foi um meio de divulgar e difundir a literatura como forma de resistência diante de um sistema opressor que estava saindo de cena. O Movimento tinha como objetivo, além de lutar através dos versos contra a ditadura, também fugir do que as editoras tinham como ideal de criação literária. Em sua carta de princípios, cita em um dos itens "Independência ante pressões vindas do meio intelectual ou político no sentido de impor, uniformizar ou restringir temas e formas" (Espinbara, 2000, p. 16 *apud* Sanches, 2014, p. 4). Diferente do que propõe a estética de versos padronizados e temas pré-definidos, a poesia dos "marginais" não tinha uma referência quanto à forma de escrever, de se expressar — eles estavam criando sua própria referência:

Todos os indícios levam a crer que os independentes, nos anos 80, herdaram toda essa heterogeneidade, constituindo-se em uma autêntica "geleia geral". O poeta estava livre para seguir qualquer rumo ou paradeiro, usando quaisquer artefatos vanguardistas, modernistas, pós-modernos ou clássicos para tecer sua individualizada expressão poética (Espinbara, 2000, p. 62).

Os Independentes levavam a arte, que era tida apenas como um meio de se conseguir lucros e algo distante do povo, para os locais onde se encontravam as massas. Faziam recitais pelas ruas e praças, editavam seus próprios livros e os vendiam a preços acessíveis. O MEI-PE foge, assim, dos padrões estabelecidos pelo mercado editorial, e o conhecimento

produzido pelos Independentes (a poesia, a arte), procura atingir aqueles que estão à margem da sociedade:

Estes poetas perceberam ainda nesta nova postura, o renascer das ruas do Centro do Recife naquilo que lhes é mais marcante: a efusão lírica, já que àquela época, além de ostentarem belos nomes, as ruas eram símbolos da resistência ao odor de urina, dos restos de frutas e da miséria no chão que passou a se confundir com a beleza do Rio Capibaribe e, conseqüentemente, da cidade, um espaço que não cabe mais o lirismo “namorador, raquítico e sífilítico” ao qual faz referência Manuel Bandeira (Sanchez, 2015, p. 29).

O Diário de Pernambuco de 04 de dezembro de 1981 publica uma matéria de folha inteira, assinada pela jornalista e editora do Caderno Viver, Leda Rivas, relatando um desses momentos em que os poetas ocupam a calçada da *Rua 7 de Setembro* no fim de tarde de um sábado. Algo muito comum para os poetas, como proposta artística, mas não tanto para os transeuntes e donos de loja. A jornalista destaca a movimentação de jovens estudantes universitários que ao produzir e divulgar seus trabalhos, não abrem mão da independência e da autonomia. Diz a matéria que, “[...] embora novo, o Movimento dos Escritores Independentes vem criando raízes profundas entre os jovens pernambucanos, notadamente aqueles que frequentam as nossas Universidades” (Rivas, 1981, p. 8).

O texto faz referência, também, à realização do I Encontro de Escritores Independentes que tinha acontecido alguns meses antes, com a sua pauta de lutas e sua coordenação eleita: “Há alguns meses, o movimento realizou, em Olinda, o I Encontro Pernambucano de Escritores Independentes, em que foram discutidos os problemas referentes a publicação de obras de autores inéditos nordestinos, a censura ao trabalho intelectual, os direitos autorais etc.” (Rivas, 1981, p. 8).

Nesta matéria, que tomou uma página inteira do jornal, a repórter lembra do projeto do Movimento em transformar a rua Sete de Setembro, no Centro da cidade, na Rua da Cultura. Segundo essa proposta, já tratada aqui quando trouxemos o documento final do I Encontro, os poetas ocupariam, apenas nos dias de sábado, este trecho que liga a Rua do Riachuelo e a Avenida Conde da Boa Vista, e teriam um espaço reservado para as artes plásticas, para a música e é claro, para a poesia.

O que torna a reportagem de Leda Rivas interessante é a sua leitura sobre a chegada dos poetas no local e a interação com as pessoas que passam por lá. Ela presencia o que para os idealizadores do Movimento é algo fundamental: a interlocução com o público. Ela escreve: “[...] um após outro, os jovens vão ocupando o centro do grupo, lançando seus versos

para o público que se aglomera e que depois, pouco a pouco, retoma seu caminho, sem se preocupar, talvez, com o brado e a mensagem dos novos vates” (Rivas, 1981, p. 8).

Vende-se um livro, passa-se uma mensagem, desperta a curiosidade de quem transita por lá, são ouvidos. Encerram a “exposição” às 12:30 e partem para um outro espaço público onde possam reforçar suas capacidades de idealização, seus sonhos e sua juventude que “[...] têm direito à ilusão, à fantasia e às ideias mais suicidas” (Rivas, 1981, p. 8).

Nas fotografias que acompanham o texto, podemos observar como funcionavam esses recitais públicos. Nesta iniciativa, a ideia principal deste grupo de poetas era ser visto e ouvido. Em pleno burburinho de uma via pública, a voz do poeta precisava se sobressair e chamar a atenção de quem passava. De um banquinho de madeira colocado na calçada da via pública, os artistas recitavam seus poemas a plenos pulmões causando as mais diversas reações de quem passava. Aplausos e elogios, xingamentos e vaias vão criar a atmosfera destes momentos. Na imagem que observamos abaixo, vemos um banco de madeira colocado próximo ao hidrante, que servia de ponto de equilíbrio para quem se habilitava às declamações, na porta de entrada de uma grande loja de departamentos.

Fotografia 1 – Fotografia de Arlindo Marinho, que acompanha matéria de Leda Rivas sobre a ocupação da rua Sete de Setembro



Fonte: A juventude [...], 1981.

O espaço era democratizado para quem quisesse participar declamando poemas próprios ou não. E é interessante o fato de que não era incomum um transeunte pedir espaço para recitar. O espaço era também reservado para os jornais literários e fanzines

independentes que ficavam expostos para venda por preços acessíveis nos famosos varais de poesia, como revela o poeta sertaniense Wilson Freire²⁸:

Vê só, a gente queria ser ouvido e quando a gente quer ser ouvido, quanto mais pessoas nos ouve, melhor. Essa era a vontade da gente, que as pessoas escutassem o que a gente tinha pra dizer e talvez refletisse sobre o que a gente estava dizendo e pudesse, digamos assim, hipoteticamente mudar alguma coisa do status quo que o país estava vivendo naquele momento. De repressão, de censura, desse tipo de coisa. A gente queria que as pessoas também tivessem essa ousadia. Parar para nos escutar ali já era um ato político, já era um ato ousado.

Nessa fala, vemos mais uma vez o ideário democrático através da poesia, o desejo de mudança de uma realidade adversa por meio do produzir e declamar em praça pública e em plena luz do dia. Freire, então estudante de Medicina da UFPE (Universidade Federal de Pernambuco), assume a grande influência de cantadores, emboladores e repentistas em suas obras, onde nota-se, apesar da liberdade criativa e do verso solto, a presença da métrica, das estrofes de seis verso (sextilhas) e sete versos (septilhas), características marcantes dos artistas populares que ele via bem de perto no sertão onde viveu até a juventude e de quem nunca perdeu a ligação. Abaixo, trazemos um exemplo de uma poesia de Freire que carrega essa forte conotação política e a indiscutível presença da cultura popular sertaneja em seu formato:

CELA 64, RAIIO LESTE

Na volta passa na feira

Aproveita e traz prá mim
Um metro de céu azul,
Traz um por de sol carmim
Um corte de lua cheia
Nem que seja de murim

Me traz lembranças da chuva
Diz ao som que amarelei
Leva um recado pro vento
Diz a ele que mofei
Que passe na casa dela
Mas não diga o que eu passei

E traz aqui neste frasco

²⁸ Entrevista realizada com Wilson Freire, Via Google Meet, em 08 de Fevereiro de 2023.

Um cheiro qualquer de mato
Pega minhas alpergatas
Lava elas num regato
Traz o brilho dos olhos dela
Pro escuro desse quarto.
Traz num beijo um assobio
De uma ave cantadeira
Leva toda minha pena
Prá quem sofre a vida inteira
Me diz se a esperança dela
Quando morre é a derradeira...

Se puder tu traz zoada
De bicho brabo correndo
Enrolado neste lenço
Tu me traz um sol nascendo
Se ela tá cheia de vida,
Não me diz que eu tô morrendo

Já que tu vai lá na feira, me faz essa caridade!!!!
(Sanches, 2015, p. 51)

Esse poema retrata o desejo por liberdade, tão forte nesta geração que nasce e chega à juventude sob um regime ditatorial. Sua aspiração por algo que está por trás dos muros fica claro quando ele pede ao seu interlocutor que lhe traga “um metro de céu azul”, um “pôr de sol carmim”, “um corte de lua cheia”, uma lembrança da chuva, “um assobio de uma ave cantadeira” ou uma “zoada de bicho brabo”. Nestes versos de Wilson, como em muitos de sua rica obra, vemos a construção rítmica semelhante aos cordéis, que como foi dito, são influências determinantes em sua poesia.

Aproveitando esse lastro político que não deixou de existir entre os poetas, seja através de suas obras seja na militância que muitos praticavam, temos a presença do poeta argentino Hector Pellizzi, que desembarca no Recife nos fins da década de 1970. Apesar de não ser preponderante em suas poesias, a temática não poderia deixar de aparecer. Devemos lembrar que tanto o Brasil quanto a Argentina viveram até o início da década de 80 do século passado uma das mais ferozes ditaduras da América Latina. Em *Com las ventanas abiertas*, escrita em plena ditadura argentina, editada em 1985 e transcrita abaixo, observamos, além do claro desejo de uma liberdade real, a esperança de subverter o cotidiano e as pessoas, para enfim respirar:

CON LAS VENTANAS ABIERTAS²⁹

Vamos a subvertir los colores,
el tiempo
 las formas,
vamos a subvertir las plazas
las calles
 la iglesias
los cuarteles.
Vamos a darle al hombre
 el espacio
y subvertir los trenes
las estatuas
 las escuelas.
Vamos a subvertir la ciudad entera
para que podamos amanecer
con las ventanas abiertas
y ver el sol
 sin pedir disculpas.

A ideia de disseminar a poesia, distribuir seus livros e protestar contra uma cultura editorial pautada nos lucros foi ganhando força entre poetas do MEI-PE, que acreditavam no Movimento e criaram uma nova maneira de encarar a edição, publicação e divulgação de sua literatura no Nordeste. O ato de tomar em suas mãos o protagonismo da sua produção artística nos faz lembrar o historiador inglês Peter Burke (2005), que além de nos mostrar a importância da História Cultural, frisa a interessante relação entre cultura popular e cultura erudita.

Para o historiador inglês, não se deve estabelecer uma rigidez conceitual, já que nem uma definição consensual destes dois termos existe. Ele fala da produção cultural de grupos sociais diversos formados por homens e mulheres comuns que com suas práticas narrativas, crenças e normas de conduta nos dão pistas da realidade política, social e econômica onde essa cultura é produzida:

De maneira semelhante, o atual interesse histórico pela narrativa é, em parte, um interesse pelas práticas narrativas características de uma cultura em particular, as histórias que as pessoas naquela cultura “contam a si mesmas sobre si mesmas”. Tais “narrativas culturais”, como foram chamadas, oferecem pistas importantes para o mundo em que foram contadas. (Burke, 2005, p. 158)

²⁹ Poema recitado em entrevista

Os escritores e escritoras aqui retratados estavam inseridos em realidades políticas, sociais e culturais de seu tempo. Os poetas não estavam em uma condição metafísica, ou pairando sobre um quadro de realidade que não era o deles. O que queremos dizer é que tanto na escrita historiográfica produzida nas academias quanto a poesia produzida por Cida Pedrosa, Chico Espinhara e tantos outros, a relação entre circunstâncias históricas e obra não pode ser negligenciada. É necessário reconhecer que a produção dos Independentes carrega em si a marca indelével do seu tempo e do seu lugar social.

Esse Movimento dito "marginal" absorveu o grito silenciado pela ditadura civil-militar no Brasil por meio da união de diversos artistas, estudantes, jornalistas e professores. Assim, ele permitiu uma nova forma de divulgação da arte e da cultura, reprimida pelo sistema totalitário que vigorava no país.

Seguindo uma tradição entre grupos de resistência cultural e de contracultura espalhados pelo mundo afora, o MEI-PE tem na substituição dos meios tradicionais de circulação de obras para os meios alternativos de divulgação, uma de suas principais características. Foi assim que os artistas envolvidos sentiram a necessidade de se expressarem e, sobretudo, divulgarem suas ideias. A partir desse movimento literário, a produção poética "fora do sistema" foi divulgada pelos próprios poetas a partir de pequenas tiragens de cópias. Elas eram produzidas nos folhetos mimeografados, os quais vendiam sua arte a baixo custo, nos bares, praças, teatros, cinemas, universidades, etc.

Neste momento de nossa observação surge o interesse de entender as práticas de enfrentamento, às formas de resistência e de combate encontradas pelos escritores e escritoras contra uma estrutura de poder que tolhia, excluía e estigmatizava. Será que aqui, Michel de Certeau em sua obra *A Escrita da História* nos dirá que nesse espaço, por meio de táticas, o MEI-PE burlou e escapou, até onde pôde, das regras de disciplinamento? Poderíamos pensar em um caráter ético e estético das práticas cotidianas do grupo como uma vontade de afirmar a vida diante da ordem imposta? O MEI-PE buscou um meio de se defender ante um poder mais forte, e isso daria ao grupo o que o historiador francês designou de caráter polêmico em um conflito permanente, numa relação de forças antagônicas.

Os membros mais atuantes buscavam construir um lugar próprio de onde pudessem se expressar e publicar seus trabalhos que a mídia tradicional ocultava ou pouco dava atenção e compartilhavam sua própria produção artística sem ter que se submeter ao mercado. A interlocução com Sindicatos possibilitava aos poetas a reprodução de seus trabalhos nas gráficas destas entidades, tornando-se assim um apoio fundamental para que os livretos, fanzines, cartazes e folhetos pudessem chegar às ruas. O trabalho de boca a boca nos bares,

Universidades e mercados públicos atingia uma enorme quantidade de pessoas que compravam, ouviam e replicavam ajudando a divulgação dos seus trabalhos, de seus nomes, de suas ideias e estética. O preço acessível e sem atravessadores entre o poeta e seu interlocutor facilitava a circulação de sua arte e o mínimo de lucro necessário à subsistência. Constroem, desta forma, uma gama de meios alternativos de comunicação e de expressão artística nos quais eram possíveis divulgar ideias, textos literários e poesias que não seriam permitidas pela censura ou não seriam aceitas pela imprensa hegemônica, ou que simplesmente não encontrariam abrigo na indústria cultural. A imprensa alternativa³⁰, a poesia marginal, a “geração mimeógrafo”, o teatro de rua³¹, o cinema Super 8³² e o cinema marginal são exemplos da tentativa de construção de meios contra-hegemônicos de expressão artística e cultural.

Com Certeau, observamos o exercício pelos membros do Movimento dos Escritores, de estratégias cotidianas num nível micropolítico. Esse seria o estágio em que os indivíduos do grupo adotariam práticas de resistência e de sobrevivência em meio a um difícil cenário político, econômico e cultural. As pessoas comuns, vivendo vidas comuns em um embate contra inimigos que eram, essencialmente, comuns a todos: a opressão do Estado, as desigualdades sociais e a exclusão cultural. Essas práticas, essas invenções do cotidiano e estas “artes do fazer” do MEI-PE não fogem da nossa atenção e se enquadram perfeitamente nas observações que Certeau nos traz em sua obra, *A Invenção do Cotidiano*:

Este não-lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar no vôo as possibilidades oferecidas por um instante. Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia. (Certeau, 1996, p. 100)

³⁰ A imprensa alternativa era um veículo de comunicação que destoava do discurso da grande mídia, inclusive por se opor ao discurso oficial. Também conhecida como imprensa nanica, em geral tinha curta duração, era vendida a baixo custo e tinha na sua composição jornalistas ligados, em sua maioria, a movimentos de esquerda.

³¹ Modalidade de teatro produzida em espaços exteriores ao edifício teatral, preferencialmente públicos, tais como ruas ou praças. Os discursos dos realizadores de teatro de rua geralmente aparecem associados com elementos de resistência cultural o que muitas vezes faz com esse teatro se caracterize como um “teatro político”. Esta forma teatral, agrega à rua novas imagens e ao mesmo tempo coloca o transeunte frente à oportunidade de ser partícipe dessa construção de imagens.

³² Formato cinematográfico desenvolvido nos anos 1960 e lançado no mercado em 1965. Quando surgiu, o Super-8 foi proposto para uso amador Seu baixo custo e a sua qualidade em relação ao 8 mm tradicional fizeram com que se tornasse, nos anos 1970 e 1980, o formato preferencial para filmes de estudantes, filmes experimentais e mesmo para tentativas semiprofissionais de cineastas iniciantes. No Recife, um surto de produção neste formato aconteceu entre 1973 e 1983.

Para reforçar esse pensamento, fazemos uso de mais um pensador que identificava as nuances e as conexões que permeiam as classes e os grupos sociais. Estamos falando de Norbert Elias, o sociólogo alemão que nos apresenta suas teorias acerca de conceitos como *interdependência e configuração*. Aqui, o professor de Frankfurt nos presenteia, em seu trabalho *A Sociedade de Corte*, com a ideia de que não devemos pensar em estruturas sociais estáticas, tampouco de considerar ações sociais como individuais, pois o indivíduo deve ser inscrito dentro de uma rede de relações. Seu projeto rompe com um pensamento fragmentário comum no início do séc. XX e estabelece uma íntima relação entre indivíduo e coletividade, numa permanente transformação vista, aliás, de longo prazo.

Para Elias (1969 *apud* Chartier, 2002), os indivíduos de classes sociais, gêneros e raças estabelecem redes sociais interdependentes, formam configurações e convivem num permanente equilíbrio de tensões com forças antagônicas. Através de um processo educacional longo, duradouro e verticalizado, o cidadão é moldado e instruído a se adaptar. Seu corpo e sua mente precisam ser acomodados sob regras e será castigado se destoa do que lhe é programado. Para ele, o processo civilizatório diz respeito a uma civilização que se molda sob forças antagônicas, numa luta constante entre forças de dominação e artes de resistência.

Sendo assim, as formas com que os membros do MEI-PE encontraram para responder ao mundo adverso que lhes cercava, bem como às necessidades impostas a eles, seguiam um formato que tinha tudo a ver com suas relações interpessoais, com suas referências artísticas e com suas realidades sociais. As referências e os símbolos escolhidos por eles reforçam a ideia de *teias de interdependência*, tão cara a Elias, e nos mostra o formato de resposta encontrada pelos poetas às circunstâncias. Os trabalhos coletivos, as exposições em grupo, o apoio mútuo, seja na produção mimeografada ou na divulgação e venda dos poemas, caracteriza o MEI-PE em particular e a forma de atuação da cultura *underground* ou marginal como um todo.

Aliás, esses poemas eram formados, em sua maioria, por pequenos textos, alguns com apelo visual (fotos, quadrinhos, etc.), absorvidos por uma linguagem coloquial (traços da oralidade), espontânea, inconsciente. A temática cotidiana e erótica era permeada de sarcasmo, humor, ironia, palavrões e gírias da periferia. Para Espinhara (2000, p. 64):

Outra referência importante é a herança contracultural, com as suas experimentações, seus diversos matizes, a espiritualidade oriental, etc. No ataque ao tradicionalismo, o choque alternativo é bem mais fundo, mais amplo, mais visceral que o choque modernista.

A temática da Contracultura, já bastante estudada, reveste-se de um fascínio provocador e instigante, pois é sempre abordada sob um viés épico e faz parte da eloquência literária, poética e artística de maneira geral. Além disso, é um fenômeno que, de certa forma, foi apropriado pelos intelectuais da cultura como um passaporte para a legitimação do discurso, supostamente forjador daquilo que se apresenta como manifestação cultural e estilo de vida à margem do que foi definido como aceitável pela sociedade tecnocrata.

A maioria dos teóricos que se dedicou a estudar as nuances das manifestações desse fenômeno situam sua origem na década de 1950. Pereira (1992) afirma que as manifestações que começam a delinear o que depois vai ser categorizado como contracultura já eram anunciadas nos EUA na década de 1950, quando os primeiros uivos da geração *beat* começam a serem ouvidos.

Esse espírito libertário e questionador da racionalidade ocidental, que viria a marcar tão fortemente isso que ficou conhecido como a contracultura, já se anunciava nos EUA, desde os anos 50, com uma geração de poetas – a *beat generation* – que produziu um verdadeiro símbolo do fenômeno com o poema “Howl” (Allen Ginsberg, 1956) que, traduzido, significa uivo ou berro (Pereira, 1992, p. 9).

A partir daí, uma conjunção de fenômenos que reuniam manifestações coletivas e individuais que desafiavam o que se considerava cultura da tecnocracia (*establishment*), viria derramar, sobre a sociedade ocidental, uma profusão de comportamentos que variava de acordo com o contexto, mas que, de modo geral, abrigava-se no imenso guarda-chuva do que se chamou contracultura. Festivais de música (Woodstock, Monterrey), debandada *hippie*, criação de comunidades, adoção de linguagem diferenciada, figurino descolado, culto ao transcendental e admiração pela cultura oriental, experiências com drogas alucinógenas e viagens intermináveis pelo mundo, parece que afirmavam para a sociedade tecnocrata capitalista que outro mundo era possível.

É muito importante pontuar que, embora visto como um fenômeno *drop out* (de não adaptação), para o qual a família e a tradição davam de ombros, havia em torno da contracultura um arcabouço intelectual diversificado. Convém assinalar a presença de pensadores importantes como o historiador e sociólogo Theodore Roszak. Aqui no Brasil temos os trabalhos de Carlos Alberto Masseder Pereira, Leon Frederico Kaminski e do jornalista e colaborador do *Pasquin* na década de 1970, Luis Carlos Maciel.

Acompanhando o próprio movimento de expansão do ensino universitário e dos cursos de pós-graduação, o número de pesquisas sobre temas relacionados à contracultura tem

aumentado. Outros fatores, como o distanciamento temporal e o enfraquecimento da historiografia marxista na esfera acadêmica, contribuem para esse crescimento quantitativo. A emergência da História Cultural como campo de investigação colabora decisivamente para essa ampliação. O âmbito da cultura e suas manifestações deixou aos poucos de ser algo menos nobre de ser pesquisado, se comparado ao social e ao econômico. Com isso, mudou não somente em termos quantitativos, mas também qualitativos, com novas abordagens e temas, incluindo aqueles ligados aos movimentos contraculturais. (Kaminski, 2019, p. 11)

O que aproxima a reflexão de Maciel (*apud* Pereira, 1992), mesmo considerando sua autonomia de pensamento, das reflexões de Roszak (1972) na obra que inaugura uma teorização do fenômeno no campo da sociologia e que servirá de referência principal para boa parte de nossas reflexões sobre o tema, é a tese de que o principal alvo da contracultura era o combate às formas de expressão da sociedade burguesa tecnocrata, ou mais diretamente à tecnocracia, incluindo aí a própria racionalidade científica herdada da modernidade iluminista.

Na visão de Roszak (1972, p. 22), a tecnocracia como modelo negado e combatido pela contracultura, consiste na “forma social na qual a sociedade industrial atinge o ápice de sua integração organizacional”. Nesse sentido, a tecnocracia projeta-se mais como um imperativo cultural imponente, incontestável e indiscutível que será questionado e recusado pelos jovens da contracultura.

Ainda que esses elementos sejam definidores do termo contracultura, convém sublinhar que outros tipos de manifestações juvenis em outros contextos históricos poderiam ser encaixados nessa concepção. Analisando as oito anotações de Luiz Carlos Maciel, Pereira (1985) assinala que se pode empregar o termo contracultura para designar um fenômeno mais geral, mais anárquico, que reaparece de tempos em tempos e em diferentes épocas, parece ter um espírito revigorador da crítica social.

Um tipo de crítica anárquica – esta parece ser a palavra-chave – que, de certa maneira, “rompe com as regras do jogo” em termos de modo de se fazer oposição a uma determinada situação. Aquela postura ou posição de crítica radical em face da cultura convencional, a qual se refere Maciel em suas anotações. Uma contracultura, entendida assim, reaparece de tempos em tempos, em diferentes épocas e situações, e costuma ter um papel fortemente revigorador da crítica social (Pereira, 1985, p. 22)

Como vimos, o Movimento dos Escritores Independentes de Pernambuco, ao longo de sua existência, longe de constituir uma cópia de qualquer outro movimento contracultura, possui características próprias de enfrentamento, de crítica artística e crítica social, com uma

forte conotação anárquica de seus principais componentes. O grupo criou meios alternativos de comunicação e de expressão artística, ao mesmo tempo em que dialogavam e se apropriavam de realidades que aconteciam nos planos regional e nacional produzindo sentido particular e os difundindo. O experimentalismo das formas e do conteúdo dessas produções é bastante presente, bem como em outras tradições vanguardistas na história. Some-se a isso, a importância que seus componentes davam ao poder da oralidade aproximando-os de setores menos privilegiados de uma cidade “diluidora dos meus sonhos”, como era o Recife no dizer de Eduardo Martins no poema Geografia do Mal, e teremos um movimento de contracultura por excelência.

3 DISCUSSÃO SOBRE O FORMATO

No início do curso de Pós-graduação em História da Unicap, o plano para o produto final era a produção de um documentário abordando os 8 anos de vida do Movimento dos Escritores Independentes de Pernambuco com depoimentos, imagens da época e recortes de jornais. Diante do improvável sucesso em conseguir, naquele momento, o aporte financeiro necessário, importante para a realização do mesmo, bem como as fatídicas restrições impostas pela pandemia do Covid-19, optei pela construção de um *website*.

Neste espaço virtual de acesso gratuito temos como objetivo disponibilizar informações sobre a história do grupo e de seus componentes, destacando a singularidade daquele acontecimento, bem como suas ramificações e seu contexto histórico e político. Hoje, mesmo com o avanço das tecnologias e popularização das redes sociais, nos deparamos com certa dificuldade em encontrarmos um site nacional com os temas que abordamos no trabalho que ora apresentamos, quais sejam, literatura e poesia marginal, contracultura e cultura underground.

Isso piora se quisermos lançar nossas atenções a essas temáticas no cenário cultural pernambucano de hoje ou de décadas passadas. Por isso, achamos importante, também, disponibilizar esse espaço na rede mundial de computadores como uma plataforma de divulgação e propaganda das obras destes artistas que ainda produzem uma arte de enfrentamento, de contestação, de coragem e independente.

4 APRESENTAÇÃO DO PRODUTO

O espaço virtual que propomos tem como conteúdo entrevistas realizadas com poetas, escritores e escritoras, imagens e notícias que retratam essa forma de manifestação cultural que se caracteriza pela não adaptação a estereótipos. Acreditamos que a constituição de um acervo histórico-cultural sobre o tema e sobre os poetas locais, do passado e do presente, que se encaixam neste perfil seria de muita utilidade para as futuras pesquisas que se interessam por esse tipo de arte que tem o confronto direto às regras e costumes estabelecidos, como preceito.

O website leva o nome de *Contracultura!* e pode ser acessado pelo endereço <https://acontracultura.wixsite.com/contracultura>. Temos a certeza de que esse espaço estará em permanente mudança pois o tema é vivo e nunca se esgota, o que exigirá de nós uma atualização constante. Outras entrevistas virão, outros textos serão debatidos, outras visões serão lançadas sobre o tema. Dessa forma, pretendemos seguir com as atividades do site após a conclusão do mestrado, levando adiante esse projeto de divulgação e resistência democrática lançado pelo Movimento de Escritores Independentes de Pernambuco.

5 APLICAÇÃO DO PRODUTO

O produto *Contracultura!* apresenta-se como uma importante ferramenta para:

- Democratização de informações importantes do grupo e seus componentes;
- Reconhecimento histórico de participantes do MEI-PE;
- Resgate e manutenção do acervo histórico de literatura marginal de Pernambuco;
- Estímulo para demais pesquisadoras e pesquisadores com interesse no tema;
- Uso de tecnologia como ferramenta educacional;
- Valorização de temas abordados no trabalho: contracultura, cultura underground e literatura marginal.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conclusão dessa pesquisa coroa um desejo particular de adentrar num universo literário de escritores e escritoras que vivem à margem do mercado, da grande publicidade e dos grandes financiamentos públicos. É compreender que nesses artistas, em sua maioria, existe um desejo de não fazer parte deste modelo e de uma regra poética que delimita e normatiza.

Os poetas de quem falamos ao longo do trabalho são exemplos mais do que incontestáveis dessa opção, desse caminho alternativo de escrever e de se expressar. Esses homens e mulheres não inventaram a poesia *underground*, o autofinanciamento, nem o linguajar debochado, ferino e irreverente, mas deram força a uma forma poética e literária que prezava pelo poder da oralidade, pela liberdade criativa e pela postura essencialmente anticanônica.

Como dissemos, isso não era novidade na história da literatura, mas não precisamos nos prender a uma Europa vanguardista, nem a um Estados Unidos *beatnik*, ou a um eixo Rio-São Paulo da geração mimeógrafo, para compreendermos esse tipo de manifestação. Nós tínhamos essa força literária em pleno Centro do Recife, circulando entre becos, mercados, calçadas e bares. Eles ainda estão vivos e deitaram suas raízes. E não por acaso, os documentários, teses acadêmicas e artigos científicos continuam sendo produzidos em torno dessa temática que tinha a subversão artística como ponta de lança.

O website pensado como produto final intenciona servir-se como uma homenagem aos anos de luta de um grupo que mesmo possuindo uma forte herança marginal, não deixava de ser bem elaborada, tocante e viva. Uma poesia que pode nos fazer rir, chorar, indignar e compadecer.

Infelizmente não pudemos travar contato com alguns nomes que enriqueceriam bem mais a pesquisa. Foi o caso de Espinha, Zizo, França e Miró da Muribeca, já falecidos. Mas a experiência de dialogar, mesmo em formato virtual, com Valmir Jordão, Fátima Ferreira, Hector Pellizzi, Wilson Freire e Eduardo Martins deixa claro a grandeza e a importância destes poetas na história recente da literatura nacional.

A inteligência, o censo estético, a compreensão histórica e o humanismo estiveram presentes nas quase 8 horas de entrevistas que realizamos entre janeiro e abril deste ano. Esse trabalho é um pequeno recorte de uma história que possui muitos detalhes ainda por serem descobertos e explorados, um retrato que pode compor com outras imagens feitas e por fazer, um quadro com cores, traços e relevos dignos de sua trajetória.

REFERÊNCIAS

- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- CAPELLARI, Marcos Alexandre. **O discurso da contracultura no Brasil: o underground através de Luiz Carlos Maciel.** 2007. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CERTEAU, Michel de; GIARD; Luce; MAYOL, Pierre. **A Invenção do cotidiano Vol. 2: Morar, cozinhar.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- CHARTIER, Roger. A sociedade de corte. Formación social y economía psíquica: la sociedad cortesana en el proceso de civilización. *In:* CHARTIER, Roger. **El mundo como representación: história cultural entre prática y representación.** Barcelona: Gedisa, 2002, p. 81-104.
- CORREYA, Juarez (org.). **Poesia viva do Recife: 100 poemas vivem, amam e eternizam a cidade.** Recife: CEPE, 1996.
- DI LEONE, Luciana. Não ter posição marcada: Ana C. nos anos 70. **Remate de Males**, Campina, n. 36.2, p. 559-579, jun./dez. 2016.
- EDIÇÕES Bandavuô & elitismo. **Diário de Pernambuco**, Pernambuco, 27 fev. 1981. Panorama Literário, p. 2.
- ENCONTRO em Olinda reúne escritores independentes. **Diário de Pernambuco**, Pernambuco, 19 ago. 1981. Caderno Viver p. 3.
- ESCRITOR cria entidade. **Diário de Pernambuco**, Pernambuco, 6 set. 1981. Caderno Viver, p. 4.
- ESPINHARA, Francisco. **Movimento dos escritores independentes de Pernambuco 1980-1988.** Recife: CEPE, 2000.
- FONSECA, Homero. **Tarcísio Pereira: todos os livros do mundo.** Recife: CEPE, 2022.
- JORDÃO, Valdir. **Poemas recifenses.** Recife: Escalafobética, 2019.
- KAMINSKI, Leon Frederico (org.). **Contracultura no Brasil, anos 70: circulação, espaços e sociabilidades.** Curitiba: CRV, 2019.
- MEDEIROS, Christiane Quaresma. **O Cinema de animação durante o ciclo de Super 8 no Recife.** 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Design) – Centro Acadêmico do Agreste, Núcleo de Design, Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2013.
- MELO, José Eduardo Martins de Barros; MAIA, Jordy Dantas. O imaginário erótico pessimista na poesia de Francisco Espinhara. **Téssera**, Uberlândia, v. 2, n. 2, p. 51-65, jan./jun. 2020.

MORITZ, Lilia; STALING, Heloisa Maria Murgel. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **O que é contracultura**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

PRADO, Marcus. Americano. **Diário de Pernambuco**, Pernambuco, 8 dez. 1981. Imagem e Som, p. 5.

RIVAS, Leda. A juventude pede passagem e lança, nas ruas, a poesia. **Diário de Pernambuco**, Pernambuco, 4 dez. 1981. Caderno Viver, Seção B, Página Um.

ROSZAK, Theodore. **A contracultura**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1972.

SANCHES, Maria Elisabete. À Margem do Cânone: História e Produção do Movimento dos Escritores Independentes de Pernambuco. **Igarapé** - Revista de Estudos de Literatura, Cultura e Alteridade, Porto Velho, v. 3, n. 2, p. 358–371, 2014. Disponível em: <http://www.periodicos.unir.br/index.php/igarape/article/view/1006>. Acesso em: 15 de nov. de 2022.

SANCHES, Maria Elisabete. **À memória dos esquecidos: história e produção do MEIPE**. 2015. 131 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2015.

SANCHES, Maria Elisabete; MARTINS, Eduardo. **Movimento dos escritores independentes de Pernambuco: história e produção literária**. Porto Velho: Temática, 2019.

SANTOS JÚNIOR, Luiz Guilherme. Uma revisão crítica da poesia marginal brasileira. **Estação Literária**, Londrina, v. 12. p. 217-228, jan. 2014.

SANTOS, José Dário dos. **O Recife Underground: ditos e ritos da contracultura em Pernambuco (1968-1974)**. 2019. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

SILVA, Rogério de Souza. **Cultura e violência: autores, polêmicas e contribuições da literatura marginal**. 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2006.

SOARES, Tiago Nunes. **Campanhas políticas e repressão policial: as pichações na cidade do Recife (1979-1985)**. 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

SOUSA, Pâmela. A poesia marginal no Recife de 80 com o Movimento dos Escritores Independentes de Pernambuco. **Controverso Urbano**. Disponível em: <https://controversourbano.wixsite.com/controversurbano/single-post/2016/05/14/a-poesia-marginal-no-recife-de-80-com-o-movimento-de-escritores-independentes-de-pernambu>. Acesso em: 15 nov. 2022.

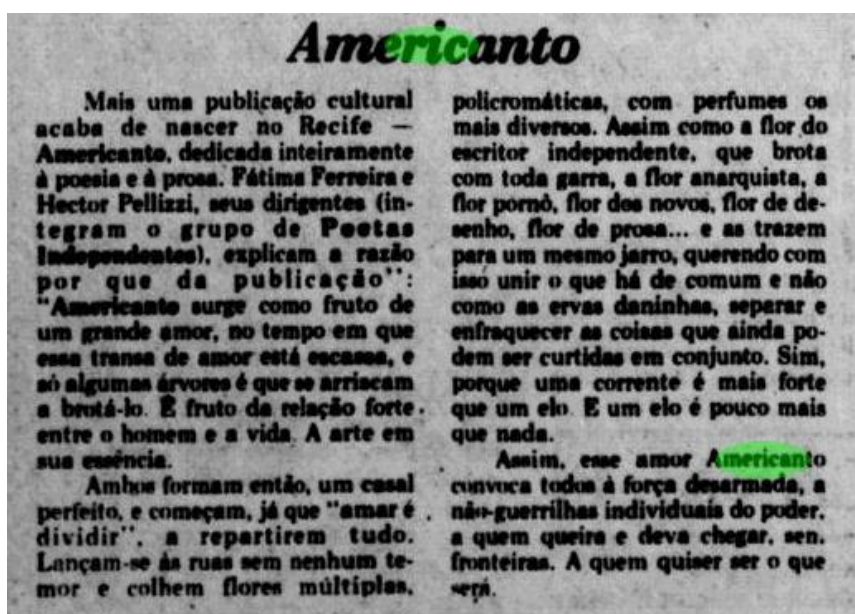
UNIÃO dos Escritores tem pleito marcado para o dia 15. **Diário de Pernambuco**, Pernambuco, 3 jan. 1987. Cidades, p. 12.

WILLER, Claudio. **Geração Beat**. 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 2009.

APÊNDICE –DOCUMENTOS, MATÉRIAS E NOTAS DIGITALIZADAS

Trazemos neste apêndice a reprodução das matérias e notas de jornal citadas ao longo do texto, bem como os documentos digitalizados. Este material será apresentado aqui na mesma ordem em que aparece no texto.

Todas as matérias e notas de jornal foram encontradas na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Digital. Site da Hemeroteca: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>.



PRADO, Marcus. Americanto. **Diário de Pernambuco**, Pernambuco, 8 dez. 1981. Imagem e Som, p. 5.

Encontro em Olinda reúne escritores independentes

Jovens de todo o Nordeste estarão reunidos, nos próximos dias 22 e 23, na Fundação Casa das Crianças de Olinda, para o I Encontro Pernambucano de Escritores Independentes. O conclave, coordenado por estudantes das Universidades Católica, Federal, Fesp e da Fafire, visa estabelecer propostas que serão levadas ao I Encontro Nacional de Escritores Independentes, a realizar-se de 5 a 7 de setembro deste ano, em Fortaleza.

Dentre os temas que serão debatidos no encontro de Olinda, destacam-se: O que é o escritor independente? Os problemas do escritor independente: publicações, distribuições etc; criação de uma entidade do escritor independente; o escritor independente no movimento alternativo nacional; o escritor independente e a literatura nacional; o escritor independente e a editora; a literatura de cordel;

qual a atitude do escritor independente frente à literatura clássica?

O encontro constará, além dos debates, de lançamentos de livros de escritores pernambucanos, troca de livros, exposição em cartazes das atividades dos escritores independentes, e apresentações de violões, cantadores, poetas de cordel etc.

As inscrições, gratuitas, ao congresso, podem ser feitas na Livraria Re-ler, à Rua José de Alencar, 133, na Boa Vista.

COMEÇO

A idéia da criação de uma associação que defendesse os interesses dos escritores independentes nasceu durante o I Encontro Nacional de Estudantes de Letras, realizado ano passado no Centro Acadêmico Patativa do Assaré, em Salvador, e foi crescendo e tomando corpo no encontro seguinte, realizado em abril deste ano, em

Vitória, Espírito Santo. Nessa oportunidade, ocorreu, paralelamente, a Reunião Nacional de Escritores Independentes, com a participação de nove Estados, em que ficaram estabelecidos os representantes de Cada Estado que formariam as comissões estaduais. Três meses depois, durante encontro da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, em Salvador, ficou decidido que os representantes estaduais dos escritores independentes deveriam realizar encontros e reuniões.

Josualdo Menezes, estudante de História da Universidade Federal de Pernambuco e um dos organizadores do encontro de Olinda, estima que mais de 100 escritores independentes estarão participando da reunião, vindos de todos os Estados, pois tem sido excelente a receptividade de outros grupos estaduais à proposta de trabalho dos jovens pernambucanos.

Segundo Josualdo, este encontro é fruto, também, de várias reuniões realizadas na livraria Síntese, do Recife, com escritores independentes da nossa cidade. Acredita ele — que também é poeta — que os jovens talentosos já estão tendo consciência da necessidade de se unirem para a defesa dos interesses dos escritores independentes.

— Há muita gente boa escrevendo em Pernambuco e em todo o Nordeste — garante ele — e não podemos ficar de braços cruzados, permanecendo inéditos, quando há tanta possibilidade de se publicar.

Josualdo Menezes tem certeza que, tão logo seja encerrado o encontro de Olinda, a cooperativa dos escritores independentes estará formada e coesa, para imprimir, distribuir (através da livraria Re-ler) e valorizar, cada vez mais, os escritores independentes.

ENCONTRO em Olinda reúne escritores independentes. **Diário de Pernambuco**, Pernambuco, 19 ago. 1981. Caderno Viver p. 3.

Escritor cria entidade

O I encontro Pernambucano de Escritores Independentes, realizado em agosto passado, divulgou, ontem, as principais resoluções da reunião da qual participaram mais de 100 escritores, dando ênfase a decisão de que o movimento deve ter como norma de ação não esperar as dádivas e os espaços vindos de cima, mas procurar abrir com ousadia os seus caminhos e espaços próprios. "Neste sentido é fundamental romper com os padrões de acomodações e academicismo, que consistem em apenas reunir e discutir, devendo-se partir para o desencadeamento de um movimento vivo, prático e imediato, ligado as necessidades vitais e aos

problemas concretos do ofício de escritor".

O Encontro aprovou também resolução sobre a criação de uma entidade de escritores independentes no Estado, concebida como "fruto de um movimento que deitou raízes e não o resultado de uma vontade cupulista". Como ainda repudiam todas as modalidades de censura ao trabalho intelectual, manifestando sua solidariedade ativa a todos os que são atingidos por ela. A defesa dos direitos autorais e a resistência contra a exploração do escritor por empresas editoriais também deverão estar no centro das atividades do Movimento.

ESCRITOR cria entidade. **Diário de Pernambuco**, Pernambuco, 6 set. 1981. Caderno Viver, p. 4.

I ENCONTRO PERNAMBUCANO DE ESCRITORES INDEPENDENTES

O Encontro Estadual visa a união de todos os ESCRITORES INDEPENDENTES, para que estes tomem consciência do seu papel na literatura e no desenvolvimento social do Estado.

Essa união, a nível estadual, será um passo para que nós organizemos nacionalmente, pois, em cada Estado do Brasil, trabalho semelhante está se processando.

Nós, da Comissão Estadual, estamos encontrando dificuldades para nos termos absoluta certeza de que OS ESCRITORES INDEPENDENTES DE PERNAMBUCO irão comparecer e que tirarão propostas satisfatórias para a serem no I ENCONTRO NACIONAL DE ESCRITORES INDEPENDENTES (ENEI), que será realizado de 5 a 7 de setembro/61, em FORTALEZA.

PAUTA ESTADUAL

A pauta Estadual foi tirada de acordo com a nacional, com acréscimo dos problemas locais.

Será discutido nos dias 22 e 23:

O que é o ESCRITOR INDEPENDENTE?

Os problemas do ESCRITOR INDEPENDENTE: publicações, distribuições etc.

Criação de uma ENTIDADE DO ESCRITOR INDEPENDENTE.

O ESC. IND. no MOVIMENTO ALTERNATIVO NACIONAL.

O ESC. IND. e a LITERATURA NACIONAL

O ESC. INDEPENDENTE e a EDITORA.

A LITERATURA DE CORDÃO.

QUAL A ATITUDE DO ESC. INDEPENDENTE, FRENTE À LITERATURA CLÁSSICA?

TAMBÉM TERÁ:

LANÇAMENTOS

FEIRA DE LIVROS

TROCA DE LIVROS

VIÓLEIROS, CANTORIAS, RECITAIS.

EXPOSIÇÃO EM CARTAZES ETC.

NOTA

Existência de lugar para se dormir (alojamento)

Obs.: Trazer, coberta, saco, esteira, colchão espuma etc.

Maiores informações, LIVRARIA RE-LER.

Rua José de Alencar, 133.



RESOLUÇÕES DO I ENCONTRO PERNAMBUCANO DE ESCRITORES INDEPENDENTES

DEFINIÇÕES GERAIS

1. A respeito da questão "o que é o escritor independente", o Encontro elaborou as seguintes definições:
 - a) Independência ante a sociedade opressiva que aí está e os seus valores estabelecidos;
 - b) Independência ante o Governo, órgãos estatais e empresas editoriais, não aceitando interferências a respeito do conteúdo e da forma das suas criações teóricas ou literárias;
 - c) Independência ante pressões vindas do meio intelectual ou político, no sentido de impor, padronizar ou restringir temáticas - livre expressão dos momentos e vivências do escritor, que só a sua sensibilidade cabe determinar;
 - d) Independência de cada escritor nos seus posicionamentos filosóficos, teóricos, político-ideológicos, nas suas opções por correntes e movimentos literários, em tudo o que diz respeito à edição, divulgação e distribuição dos seus livros.
2. Quanto a uma definição sintetizadora sobre "o que é o escritor independente", estabeleceu-se no Encontro o debate em torno de duas posições:
 - uma, que considera essencial o autor ter uma produção teórica ou literária independente, seja ou não seja editado por empresas editoriais;
 - outra, que considera também essencial, ao lado da independência teórica ou literária, a produção, a divulgação e a comercialização independente ou alternativa do livro.

O Encontro decidiu deixar em aberto esta questão, uma vez que havia concordância geral sobre as quatro definições específicas constantes do ponto 1 (a, b, c e d), acima.
3. O Encontro ressalta que as definições aprovadas sobre "o que é o escritor independente" não devem ser tomadas como absolutas, definitivas e intocáveis. Elas representam o ponto de partida que se pôde estabelecer coletivamente num momento, devendo ser atualizadas ou corrigidas pela sensibilidade ante os testes e testemunhos da prática.
4. O Encontro considerou sem importância, numa entidade que venha a ser criada no Estado, figurar ou não o termo independente. O essencial é que as bases aqui definidas estejam presentes nos seus Estatutos e na sua atuação. A entidade deverá ter inscrita também como norma, respeitando as opções políticas dos seus membros, a não vinculação a partido político.
5. O Encontro considera que uma entidade de escritores independentes no Estado, deverá ser, necessariamente, o fruto de um movimento que deu raízes, e não o resultado de uma vontade cupulista.
6. O Movimento dos Escritores Independentes de Pernambuco deve ter como norma de ação não esperar as dâdivas e os espaços vindos de cima, mas procurar abrir com ousadia os seus caminhos e espaços próprios. Neste sentido, é fundamental romper com os padrões de acomodação e academicismo, que consistem em apenas reunir e discutir, devendo-se partir para o desencadeamento de um movimento vivo, prático e imediato, ligado às necessidades vitais e aos problemas concretos do ofício de escritor.
7. O Movimento dos Escritores Independentes de Pernambuco congrega todos aqueles que tenham trabalhos publicados ou a publicar, nos gêneros de poesia (do Clássico ao Gerdal), conto, crônica, romance, memória, teatro, cinema, televisão, quadrinhos, humor, ensaio, estudo,

RESOLUÇÕES DO I ENCONTRO FERNAMBUCANO DE ESCRITORES INDEPENDENTES

1. DEFINIÇÕES GERAIS

1. A respeito da questão "o que é o escritor independente", o Encontro elaborou as seguintes definições:
 - a) Independência ante a sociedade opressiva que aí está e os seus valores estabelecidos;
 - b) Independência ante o Governo, órgãos estatais e empresas editoriais, não aceitando interferências a respeito do conteúdo e da forma das suas criações teóricas ou literárias;
 - c) Independência ante pressões vindas do meio intelectual ou político, no sentido de impor, padronizar ou restringir temáticas - livre expressão dos momentos e vivências do escritor, que só a sua sensibilidade cabe determinar;
 - d) Independência de cada escritor nos seus posicionamentos filosóficos, teóricos, político-ideológicos, nas suas opções por correntes e movimentos literários, em tudo o que diz respeito à edição, divulgação e distribuição dos seus livros.
2. Quante a uma definição sintetizadora sobre "o que é o escritor independente", estabeleceu-se no Encontro o debate em torno de duas posições:
 - uma, que considera essencial o autor ter uma produção teórica ou literária independente, seja ou não seja editado por empresas editoriais;
 - outra, que considera também essencial, ao lado da independência teórica ou literária, a produção, a divulgação e a comercialização independente ou alternativa do livro.O Encontro decidiu deixar em aberto esta questão, uma vez que havia concordância geral sobre as quatro definições específicas constantes do ponto 1 (a, b, c e d), acima.
3. O Encontro ressalta que as definições aprovadas sobre "o que é o escritor independente" não devem ser tomadas como absolutas, definitivas e intocáveis. Elas representam o ponto de partida que se pôde estabelecer coletivamente num momento, devendo ser atualizadas ou corrigidas pela sensibilidade ante os testes e testemunhos da prática.
4. O Encontro considerou sem importância, numa entidade que venha a ser criada no Estado, figurar ou não o termo independente. O essencial é que as bases aqui definidas estejam presentes nos seus Estatutos e na sua atuação. A entidade deverá ter inscrita também como norma, respeitando as opções políticas dos seus membros, a não vinculação a partido político.
5. O Encontro considera que uma entidade de escritores independentes no Estado, deverá ser, necessariamente, o fruto de um movimento que deitou raízes, e não o resultado de uma vontade cupulista.
6. O Movimento dos Escritores Independentes de Pernambuco deve ter como norma de ação não esperar as dâdivas e os espaços vindos de cima, mas procurar abrir com ousadia os seus caminhos e espaços próprios. Neste sentido, é fundamental romper com os padrões de acomodação e academicismo, que consistem em apenas reunir e discutir, devendo-se partir para o desencadeamento de um movimento vivo, prático e imediato, ligado às necessidades vitais e aos problemas concretos do ofício de escritor.
7. O Movimento dos Escritores Independentes de Pernambuco congrega todos aqueles que tenham trabalhos publicados ou a publicar, nos gêneros de poesia (do Clássico ao Cordell), conto, crônica, romance, memória, teatro, cinema, televisão, quadrinhos, humor, ensaio, estudo,

8. O Movimento dos Escritores Independentes de Pernambuco tem uma firme posição de repúdio ante todas as modalidades de censura ao trabalho intelectual, manifestando sua solidariedade ativa a todos os que são atingidos por ela.
9. A defesa dos direitos autorais e a resistência contra a exploração do escritor por empresas editoriais, também deverão estar no centro das atividades do Movimento. Identicamente, a luta pela regulamentação da profissão do escritor, a ser travada em íntima ligação com os repentistas e poetas de cordel, estendendo-se a todas as profissões marginalizadas e não reconhecidas pelo Código do Ministério do Trabalho, como o dançarino folclórico, o passista de frevo, o capoeirista etc.
10. O Movimento deverá se articular com professores de português e literatura, nos colégios e nas universidades, no sentido de serem utilizados em salas de aula textos de autores novos. Dentro do mesmo espírito, deverão ser estabelecidas as relações com os estudantes de letras.
11. O Movimento dos Escritores Independentes estimula a solidariedade e a ação conjunta de todas as artes e de todos os ramos da produção intelectual.
12. O Movimento tem um compromisso com o aprimoramento da qualidade do produto intelectual. Neste sentido, abrirá um espaço para o exercício da crítica e da autocritica, a partir do seu próprio interior, sendo naturalmente voluntária a participação de cada um. O objetivo é também oferecer uma alternativa à crítica de fundo academicista.
13. As relações do Movimento com entidades privadas, civis, estatais, fundações, associações etc, serão determinadas pela soberania em tor no das Resoluções deste Encontro, e dentro do espírito de utilizar espaços sem ser utilizado.
14. Visando superar lacunas de informação sobre as experiências editoriais e publicações alternativas existentes no Estado, o Encontro sugere às Edições Pirata, às Edições Bandavão, à Fundação Casa da Criança, à Revista de Poesia, à Revista Vidas Secas e outras, que realizem uma avaliação da sua experiência e formulem critérios definidos sobre tudo o que se refere a linha editorial, como ordem de colocação de originais, seleção, divulgação, lançamento, distribuição, desembolso e/ou trabalho do autor, acompanhamento, participação no produto.
15. Com relação à criação de uma entidade nacional de escritores independentes, o Encontro de Pernambuco entende que não deve haver precipitação neste sentido, sob o perigo de incorrerem na artificialização e no cupulismo. O essencial, atualmente, é formar uma coordenação, desenvolver o movimento vivo, a circulação das informações e o intercâmbio.

II. AÇÃO E ORGANIZAÇÃO IMEDIATAS

1. Ocupar o espaço da rua Sete de Setembro, no Recife, transformando-a em Rua de Arte, nas sextas-feiras à noite e nos sábados pela manhã. Começar no sábado próximo, 29 de agosto, a partir das 08:30, com som, poesia oral, exposição e venda de livros, cartazes etc. Visar o desencadeamento a solidariedade ao poeta e estudante de psicologia Caesar Sobreira, suspenso por 30 dias da Universidade Católica, devido a autoria de um texto e um poema.
2. Entrar em contato com artistas ligados a teatro, música, cinema, pintura, desenhos, charge, quadrinhos, para participarem da instalação e das atividades da Rua de Arte.
3. Divulgar a ocupação no lançamento das Edições Pirata, dia 27 de agosto.
4. Participar do comício poético de solidariedade a Caesar Sobreira, na segunda-feira, 24 de agosto, na Universidade Católica.
5. Encaminhar carta-circular às livrarias pernambucanas, no sentido de que, como já existe na Livro 7 e na Síntese, seja mantido um local reservado às edições alternativas, de movimentos ou escritores individuais.
6. Encaminhar promoções a fim de adquirir recursos financeiros.
7. Publicar uma antologia com trabalhos de todos os presentes ao I Encontro dos Escritores Independentes de Pernambuco.
8. Estabelecer contato com revistas e jornais literários, visando divulgar os escritores novos.
9. Relacionar os endereços de todos os que fazem parte ou se aproximam do Movimento.
10. Buscar novos pontos de venda dos livros de autores novos ou alternativos e estudar formas inovadoras de propaganda.
11. Estabelecer contatos com escritores independentes de outros Estados, visando intercâmbio na distribuição de livros.
12. Eleger uma coordenação para o Movimento, que deverá reunir semanalmente, em dia e local conhecido por todos, sendo aberta a participação. A Coordenação, através de grupos de ação, promoverá a propaganda, o contato com os membros do movimento, com outros setores ligados à vida artística e intelectual, com a imprensa e os meios de comunicação.
São os seguintes, por ordem alfabética, os membros da Coordenação: Andréa Silveira Mota, Caesar Sobreira, Cida (Ma. Aparecida), Chico de Assis (Francisco de Assis Silva), Dom Antônio, Eduardo Martins, Fátima Ferreira, Jaime Benvenuto Júnior, Josualdo Menezes, Marcelo Mário de Melo, Antônio Medina, Hilton (Niltinho), Pedro Américo, Romana Ma. Rodrigues, Senuel Santos e Teresa Tenório.
13. A Coordenação deverá fazer um estudo sobre a experiência e os Estatutos da USE (União Brasileira de Escritores) e a tentativa insucessida do Movimento pela formação da Associação Pernambucana de Escritores.
14. Todas as informações sobre o Movimento e o trabalho da Coordenação, serão centralizadas e expostas em painel na Livraria Roler, Rua José de Alencar, nº 134, Boa Vista - Recife.

Recife, agosto/81.

União dos Escritores tem pleito marcado para dia 15

Duas chapas concorrerão as eleições do próximo dia 15 de janeiro para escolha da nova Diretoria da União Brasileira de Escritores- Seccional de Pernambuco, uma delas encabeçada por Nagib Jorge Neto e a outra pelo poeta Marcus Accioly (presidente), poeta Ângelo Monteiro (1º vice-presidência) e escritor Paulo Caldas (2º vice-presidência).

Segundo o poeta Marcus Accioly, a Chapa UNIFICAÇÃO, que resultou da aliança entre dois poetas, ele e Ângelo Monteiro, não visa disputar e sim "vamos procurar unificar".

Dai terem recebido o apoio de vários grupos de poetas jovens de Pernambuco: Movimento de Escritores Independentes, Edições Bagaço, Poetas da Rua do Imperador, Poetas de Palmares, Poetas de Casa Amarela,

"UNIFICAÇÃO" disse Accioly, "Conta com o apoio maciço de todos os segmentos de escritores pernambucanos".

COMPOSIÇÃO

A chapa "UNIFICAÇÃO" esta assim formada: Marcus Accioly (presidência), Ângelo Monteiro (1º vice), Paulo Caldas (2º vice), Fatima Ferreira (1º secretário), Nelson Saldanha (2º secretário), Everaldo Moreira Veras (tesoureiro), além de quatro diretorias, a saber: Departamento de Teatro (candidato Chico Espinhara), Departamento de Artes Plásticas (Marco Polo), Departamento de Imprensa (Raimundo Carrero), Departamento de Intercâmbio Cultural (Eduardo Martins). São os seguintes escritores candidatos ao Conselho Fiscal da UBE-PE: Amaro Quintas, Aluizio Furtado de Mendonça, Gilvan Lemos, Lucilo Vareião Filho e

Maria do Carmo Tavares de Miranda.

O programa de ação, já estruturado, ao que informou Marcus Accioly luta por uma sede própria, reforma estatutária, interiorização do intercâmbio cultural, ação editorial socializante, política financeira independente, vinculação de todos os escritores de Pernambuco à UBE, "enfim o programa propõe uma verdadeira União Brasileira de Escritores", disse Accioly.

QUEM SÃO

Marcus Accioly, autor de dez livros publicados e mais cinco inéditos, sendo os mais famosos Nordestinados (3ª edição), Sisifo, Narciso e Guriatã, um cordel para menino (2ª edição a ser lançada em março pela Melhoramentos), já conquistou vários prêmios literários, sete a nível nacional, como o Prêmio Fernando Chinaglia, com Guriatã.

UNIÃO dos Escritores tem pleito marcado para o dia 15. **Diário de Pernambuco**, Pernambuco, 3 jan. 1987. Cidades, p. 12.

ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL

A juventude pede passagem e lança, nas ruas, a poesia

Texto: Leda Rivas — Fotos Arlindo Marinho



Elas começam a chegar, vindos dos mais diferentes pontos da cidade, às 9, e meia. De relance, observam-se o movimento é propício. Aquela hora do sábado, as pessoas circulam tranqüilamente pelo comércio das Ruas do Hospício e Sete de Setembro, e da Avenida Conde da Boa Vista, sem cronometrarem suas atividades, curtindo as horas livres de uma semana de trabalho, aproveitadas para as compras. Uma banqueta é só o que precisam para começarem a agir.

As 11 horas em ponto, chuva ou faça sol, os "escritores independentes" se reúnem em frente a uma casa comercial da Rua Sete de Setembro, e, um a um, vão desfilando seus versos. Pelo chão, espalham suas publicações: mimeografadas, xerocadas, impressas, ilustradas por eles próprios ou por outros românticos que acreditam que a poesia — por não ser supérflua — ainda pode andar livre e solta nas ruas.

Os curiosos se aproximam. Gente de todas as idades, de diferentes camadas sociais. Os camelôs que sobrevivem na área observam, entre receios e desconfiados, esta ameaça de concorrência desleal. Um transeunte pára e pergunta: "Menino, quanto custa um livro?" Cinquenta, em cruzeiros no máximo. Tão pouco. Uns compram, outros não. Há ainda, os que dão de ombros e passam adiante, tanta coisa para fazer, tão curto o tempo, tão agitada e louca e idiota a vida, que não dá nem para se preocupar com a poesia.

Embora novo, o movimento dos escritores independentes vem criando raízes profundas entre os jovens pernambucanos, notadamente aqueles que frequentam as nossas Universidades. Na UFPE, por exemplo, o grupo vem conquistando cada vez mais adeptos graças ao trabalho desenvolvido pelos estudantes do Departamento de História, que promoveram, há dois meses, no hall do andar que ocupam, o I Concurso de Poesias dos Estudantes de História, do qual participaram, também, alunos de outras unidades. Como resultado do encontro, os jovens poetas mimeografaram, às suas expensas, uma plaqueta, que foi vendida ao preço de 50 cruzeiros entre os colegas, professores e amigos. O

livrete chamou-se, simplesmente, "Poesias", e trazia poemas de Aldo Gusmão, Mário Cans, Wilson Mota, Milton Correia, Eduardo Nascimento, Jerônimo Ramos, Jomenes Júnior, Douglas, Teresa Huang e Alexandre Alencar. Os vencedores do concurso — Aldo, Wilson, Jerônimo, Milton e Mário foram escolhidos democraticamente entre os estudantes.

Já no ano passado, os alunos deste mesmo Departamento de História haviam reunido, numa plaqueta, várias de suas poesias. Testemunha foi da luta das rapazes para verem publica-



... que eles querem transformar em Rua da Cultura

dos seus versos, e tanto acreditai neles que sequer hesitei quando me convidaram a prefaciá-los, intitulado "Poemas dos Meninos". Que, devidamente prefaciado e revisado, foi entregue ao poeta Marcus Accioly, à época diretor do Departamento de Extensão Cultural, e um dos incentivadores do movimento dos escritores independentes. Os incidentes que culminaram com o afastamento de Accioly do DEC, logicamente, afetaram a publicação do livro. Hoje, ligado à

Fundação Joaquim Nabuco, uma entidade tão preocupada com a cultura e sempre tão inclinada a estimular os jovens valores, Marcus Accioly estuda as possibilidades de publicação do livro pela Fundaj.

UM ESPAÇO PARA A CULTURA

Há alguns meses, o movimento realizou, em Olinda, o I Encontro Pernambucano de Escritores Independentes, em que foram discutidos os problemas referentes a publicação de obras de autores inéditos nordestinos, a censura ao

trabalho intelectual, os direitos autorais etc. Findo o encontro, foi eleita uma coordenação para o movimento, constituída de Andréa Mota, César Sobreira, Maria Aparecida, Francisco de Assis Silva, Dom Antonio, Eduardo Martins, Fátima Ferreira, Jaime Benvenuto Júnior, Josualdo Menezes, Marcelo Mário de Melo, Antonio Medina, Nilton, Pedro Américo, Romana Rodrigues, Samuel Santos e Teresa Tenório.

O grande projeto do movimento dos escritores independentes é, segundo a coordenação, a transformação da Rua Sete de Setembro em Rua da Cultura, fechando a artéria ao trânsito e ocupando a área entre a Rua do Riachuelo e a Avenida Conde da Boa Vista com barracas para abrigar poetas, cronistas, artistas plásticos, músicos, etc. Se não permanentemente, pelo menos nas noites de sexta-feira e nas manhãs de sábado. Com este propósito, o movimento já encaminhou requerimento à Edilidade.

A coordenação do MEI reúne-se, semanalmente, na

Livraria Reler, à Rua José de Alencar, nº 134, e aos encontros do grupo pode ter acesso todo poeta, todo escritor, todo artista, que pretender divulgar seu trabalho. A grande preocupação, agora, é obter recursos para uma publicação impressa dos independentes. Paralelamente, a comissão insta junto aos organismos culturais do Estado para que valorizem mais os poetas da terra. E salienta que o lema o MEI é a independência "ante a so-

riedade opressiva que aí está e os seus valores estabelecidos; ante o Governo, os órgãos estatais e empresas editoriais, não aceitando interferências a respeito do conteúdo e da forma das suas criações teóricas ou literárias; ante pressões vindas do meio intelectual ou político, no sentido de impor, padronizar ou restringir temáticas — livre expressão dos momentos e vivências do escritor, que só a sua sensibilidade cabe determinar".

A ESPERANÇA DOS JOVENS
"Nuas em trapos /

Olhos vesgos / Cegoal / Faces envelhecidas / Mortas! / Corpos amarelados / Negros / Violentados / Famintos, vagueiam pelas ruas da terra do sol / E os "grandes homens" / Alimentam a guerra" — grita Wilson Mota, um dos independentes, no seu poema "Do Outro Lado", ante espectadores curiosos. Um após outro, os jovens vão ocupando o centro do grupo, lançando seus versos para o público que se aglomera e que depois, pouco a pouco, retoma seu caminho, sem se preocupar, talvez, com o brado e a mensagem dos novos vates.

As 12 e meia, uma hora, quando diminui o movimento comercial no início das tardes de sábado, os poetas recolhem a banqueta e os livros que restaram (quem sabe, não serão vendidos daí a oito dias) e lá se vão, arrastando seus jeans propositadamente surrados, suas imensas bolsas de couro, suas camisetas multicoloridas. Mais adiante, numa rua por eles denominada "Beço da Fome", onde barrinhos e lanchonetes tímidas se enfileiram, elas se acomodam para uma calpirinha e um tira-gosto rápido e acessível a seus bolsos. Começam um bate-papo, às vezes descontraído, às vezes inflamado, em que as discussões políticas-sociais ocupam um lugar de destaque. Falam de livros

que jamais escreverão, de músicas que jamais farão, de gestos edificantes que jamais acontecerão. Com lógica, sapiência e justiça, vão salvar o País na primeira esquina.

E depois — para usar uma linguagem deles — "se mandam", "partem para outra", vão "curtir uma boa", noutras paragens, aproveitando o sábado que se esvai, carregando seus sonhos, suas esperanças, suas indignações. São jovens e são poetas. Têm direito à ilusão, à fantasia e às idéias mais suicidas.

MAIS LIVROS NAS PÁGINAS 6 e 7

RIVAS, Leda. A juventude pede passagem e lança, nas ruas, a poesia. **Diário de Pernambuco**, Pernambuco, 4 dez. 1981. Caderno Viver, Seção B, Página Um.